



caio  
porfírio  
carneiro



EDITORA DO ESCRITOR

O CASARÃO

## CAIO PORFÍRIO CARNEIRO E SUA OBRA

«Ao lê-lo, encontrei-me com uma prosa sóbria e uma humanidade abundante. Uma forma nervosa, irrequieta, e um diálogo certo e eficiente. Construções boas e mestria nos efeitos. Tem talento, muito talento, não há dúvida alguma.»

Ferreira de Castro — Portugal

«... não só de atraente e proveitosa leitura, como pela maneira literária de recriar o cotidiano. Personagens que «vemos», cujas ações aceitamos porque não podiam agir de outra maneira, selecionados como para se constituírem em exemplo de determinados escalões sociais...»

Assis Esperança — Portugal

«Inserido na linhagem da mais autêntica ficção contemporânea, Caio Porfírio Carneiro não maneja «casos exemplares», não lida com «tipos». Sua arte apreende em suas estórias o individual, o particularíssimo, a experiência intransferível de um determinado ser humano, e nelas através do processo poético-simbólico com que as transfigura, capta a essência universal que se oculta em cada ser.»

Nelly Novaes Coelho

«... não se trata apenas de neo-realismo, mas de bom neo-realismo...»

Wilson Martins

«O conto é o forte do Caio. É a sua arma, á sua garra e a sua sonda. Porque o conto tem ao mesmo tempo a secura da terra e a liquidez do mar. Caio nada no conto como um peixe.»

Herculano Pires

«Ele é, sem dúvida, um dos grandes contistas brasileiros, e olhem que temos imensos como José J. Veiga, Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, Ligia Fagundes Telles e outros.»

Eneida

«Caio Porfírio Carneiro, em cada livro, reafirma as suas excelentes qualidades de contista.»

Santos Morais

«E não ficarei surpreso no dia em que tiver a notícia de que irá circular em outros idiomas...»

Valdemar Cavalcanti

«Contista que se coloca na primeira fila, entre os melhores do momento».

Fernando Góes

«Caio Porfírio Carneiro é notadamente um contista — e contista de primeira plana. Figura mesmo como expoente do gênero entre os mais novos cultores da história curta».

Mário da Silva Brito

«Caio Porfírio Carneiro não é um escritor de tramas simples, isento das complexidades psicológicas dos seus personagens.»

João Antônio

«Por todas as estórias perpassa um frêmito de vida e de ânimo que lhes recria a unidade subjacente, tal como fez Joyce com a cidade de Dublin.»

Braga Montenegro

«Possui dramaticidade».

Cavalcanti Proença

«A maneira de Caio Porfírio Carneiro tratar suas figuras, armar seus contos, dar contextura aos seus enredos — eis uma boa mescla de ação e reflexão, de cortes interiores e tomadas externas, de sol derramado que se vai finando, acaba em bruscas nuvens íntimas».

Ricardo Ramos

«... Uma certa maneira de contar economizando artigos, como se a qualificação fosse de tal forma absorvida pelo substantivo que deste ficasse fazendo parte inseparável...»

Oliveira Ribeiro Neto

«O estilo de Caio nos empolga, pela versatilidade imprevista de situações e de personagens, em desfile interminável...»

Alvaro Augusto Lopes

«Caio não é outra coisa senão um ficcionista».

José Alcides Pinto

«... Um verdadeiro encanto a leitura dos seus contos, e o incho entre os melhores contista brasileiros da atualidade».

Nereu Corrêa — S. C



## CAIO PORFIRIO CARNEIRO E SUA OBRA

“Escritor que nos parece caracterizado por ótima linguagem e recursos de observações psicológicas é Caio Porfirio Carneiro”.

Leonardo Arroyo

“Escritor completo, consciente e puro, é como se apresenta Caio Porfirio Carneiro...”

Virgínius da Gama e Melo

“...reduz quase toda a ação ao diálogo e neste ponto tem a seu crédito a opinião de Henry Green, para quem o diálogo ocupa, na ficção, um lugar que dia a dia tende a crescer...”

Alcântara Silveira

“Caio Porfirio Carneiro apenas sugere, o que, por paradoxal que pareça, torna a narrativa muito mais firme.”

Rolmes Barbosa

“Comanda a narrativa com segurança e completo domínio, pelo agudo conhecimento que tem da intimidade dos problemas físicos e humanos...”

Péricles da Silva Pinheiro

“Caio Porfirio Carneiro... é de uma densidade e de um movimento não comuns nos livros do gênero que abarrotam o mercado.”

Edigar de Alencar

“...Caio Porfirio Carneiro é um impressionista. A sua imagem vem ao vivo, ganha relevo imediato, é quase tangível.”

Moreira Campos

“... Com economia verbal extraordinária, que nada sacrifica; consegue fixar indelevelmente no espírito do leitor, a ponto deste ficar “sabendo” para além do que está impresso...”

Antônio D’Elia

Do amigo  
Melhor  
Finnor P. Amore,

2 amigos amigos

O CASARÃO

5.4.1/8/15

---

Cx. Postal - 5506  
0.1000 - S. Paulo - S.P.

**DO AUTOR:**

TRAPIÁ (Contos) — 1.a Edição, Livraria Francisco Alves, S. Paulo, 1961. 2.a Edição, Coleção Saraiva, S. Paulo, 1972.

O SAL DA TERRA (novela) — Editora Civilização Brasileira, Rio, 1965. Tradução italiana: *Salé Verde Della Terra*, E. I. L. A. Palma, Palermo, Itália, 1971. Tradução árabe (em resumo) na antologia “Brisas Brasileiras, de Felipe Lutfalla.

OS MENINOS E O AGRESTE (Contos), Quatro Artes, S. Paulo, 1969. 2.a Edição, em convênio com o Instituto Nacional do livro, 1971. (Prêmio “Afonso Arinos”, da Academia Brasileira de Letras).

UMA LUZ NO SERTÃO (Romance e reportagem sobre o Padre Cicero Romão Batista, de Juazeiro, Ceará), Clube do Livro, S. Paulo, 1973.

**FICHA CATALOGRÁFICA**

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte,  
Câmara Brasileira do Livro, SP)

Carneiro, Caio Porfírio, 1928	
C288c	O casarão: contos. São Paulo, Ed. do Escritor, 1974.
	104 p.
	1. Contos brasileiros I. Título.
74 — 0842	CDD — 869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Século 20: Literatura brasileira 869.935
2. Século 20: Contos: Literatura brasileira 869.935

Caio Porfírio Carneiro

# O CASARÃO

contos



EDITORA DO ESCRITOR  
SÃO PAULO

COLEÇÃO DO ESCRITOR

Volume 9

*Capa de*

LUZ E SILVA

Revisão: LURDEKA

Supervisão: HILTON LUIZ

Editor: LUZ E SILVA

EDITORA DO ESCRITOR LTDA.

Rua Senador Flaquer, 133 — 04744 —  
Rua Barão de Itapetininga, 262 — Sala 305 — 01042  
Tel. 33-7813 — São Paulo — Brasil



*“Tudo se conservava nos mesmos lugares, há  
muitos e muitos anos...”*

**Cornélio Penna**



À memória dos avós

Martiniano

e Maria Amélia

Júlio

e Rachel



## *I N D I C E*

1.	.....	A HERANÇA	13
2.	.....	A VOLTA	23
3.	.....	O ENCONTRO	29
4.	.....	A VIGA	37
5.	.....	O NEGRO	43
6.	.....	A BUSCA	55
7.	.....	O CANTEIRO	59
8.	.....	O MÉDICO	69
9.	.....	A FILHA	87
10.	.....	A VERDADE	91





# O CASARÃO



## A herança

Via-lhe a calva pronunciada e, no outro extremo, os pés metidos em grandes botas. O lençol, curto, cobria-lhe parte do corpo e destacava a protuberância das mãos cruzadas ao peito.

O ventô entrava livre pela porta escancarada para a noite. Vultos silenciosos deslizavam à meia-sombra dos cantos de parede.

Pisotear impertinente de casco de animal, ao lado, ampliava o silêncio e destacava, com nitidez, o cicio de vozes.

O cachorro entrou, enrodilhou-se sob a mesa, sonolento. O pé, rápido e preciso, enxotou-o dali.

Muito empertigada, a mulher nova roçou a longa saia nos joelhos da velha, ali sentada a rezar:

— Só faltava ele. Claro que viria. Eu sabia.

Ele enquadrou-se à porta, vindo da noite, alto e anguloso. Todo de preto, abraçado ao chapéu, aproximou-se dos pés expostos e demorou-se em longa reverência. A chama da vela menor, com o sopro súbito, morreu num fio de luz, espiralando uma fumaça muito fina. Ele, com grande lentidão, tirou a caixa de fósforos do bolso, riscou um palito com estalido para avivar a vela, e o brilho rápido dançou na calva pronunciada do morto.

Ela chegou-se mais à velha, curvou-se num despistamento para não ser percebida:

— Muitos dos que chegaram nunca os vi...

— Psit.

— Este apareceu uma vez, há anos...

Agora, além da calva, que me parecera bem mais ampla com o corpo deitado, eu via-lhe também o bigode, uma ponta apenas, que o nariz, afilado e de cera, cobria-o em parte. Os poucos fios mais longos, no alto da testa, bailavam solitários com a tênue aragem.

A velha rezava num sussurro sibilado, as contas a correr ligeiras nos dedos nervosos. E a voz, num cochichar rápido, ali bem perto, fez-me recuar:

— Se for como pensam, não contem comigo.

— Psit.

Ela descobriu-me, agarrado ao respaldo da cadeira, em defesa.

— Vá deitar-se.

Olhei-a sem mover-me, mas o seu olhar áspero decidiu-me a deslizar pelo corredor escuro, entre pessoas estranhas, pra cumprir a ordem. Mas parei à entrada da sala de jantar, e escorei-me ali à parede, os olhos na luz vermelha do lampião, muito brilhante, pousado no centro da grande mesa, cercada de cadeiras de encostos altos, todas iguais.

Chegaram em grupo compacto e sentaram-se silenciosos, mãos cruzadas, contritos como se rezassem.

A velha passou arrastando a perna, rumo ao quarto, o rosário a pender dos dedos, o xale a cobrir-lhe o rosto quase por inteiro:

— Não é hora para isto.

A mulher nova e empertigada acercou-se do grupo, olhou-os como para conferir, preveniu-os, desviando os olhos em direção à sala de fora:

— Só faltava ele. Chegou.

Os passos reboaram perto de mim, senti-lhe o perfume ativo, e ele sentou-se entre os demais, arrastando sem muito cuidado a cadeira:

— Quanto tempo não os vejo...

A velha abriu um fresta da porta, descobriu um pouco o rosto:

— Silêncio.

Acomodei-me ali no canto de parede, abraçado aos joelhos. Como se estivessem reunidos para uma refeição.

ção ou uma decisão muito importante. A mulher nova ergueu-se um pouco e sussurrou rápido, com certa aspereza.

O sono bambeou-me a cabeça, a ouvir cochichos que aumentavam e diminuíam e pés a deslizar próximos. Então tudo silenciou.

Despertei com a mão a tocar-me, em solavancos rápidos, o meu ombro:

— Dormir. Já ordenei.

Levantei-me para cumprir a ordem, um tanto desorientado. Ela não confiou na minha obediência e conduziu-me ao quarto de paredes nuas.

Sentado na ponta da cama, sozinho, desperto de todo, concentrei a atenção no zum-zum de vozes, agora bem mais altas, sem muita cautela. Como se discutissem.

O vento silvava entre os encaixes não muito firmes da janela, como a arranhá-la, em busca de brechas para penetrar.

Levantei-me e, com esforço, abri-a de todo, par em par, e vi que o céu estava coberto de estrelas e a ingazeira farfalhava. Os galhos, flexíveis, vergavam ao chão, tal como no dia em que ele, sem ajuda, amarrava a corda ao tronco da árvore, contraíndo os lábios.

— Para que, vovô?!

— Amarrar o novilho!

O lenço cobria-lhe o rosto como máscara, para livrá-lo do pó trazido pela ventania.

— O novilho?!

— O novilho!

— O branco e preto?!

— Ele mesmo! Vamos matá-lo!

Folhas subiam do chão em espiral e envolveram-no quase por inteiro. Abandonando um instante o serviço, mãos em concha na boca, advertiu-me, seus gritos vencendo a custo o silvar do vento:

— Olhe o vento! Entre! Tranque a janela!

Tranquei-a com dificuldade, que meus braços eram curtos para controlá-la e o ferrolho emperrava. Senti-me coberto de pó e quase no escuro, que o sol se sumira com aquele remoinho. Estendi-me na cama e lembrei-me que ele, lá sob a árvore, necessitava de ajuda. Procurei

levantar-me mas faltaram-me as forças. A cama navegava num oceano de pó e descia, em desfilada, para alcançar o mais profundo do lago. Girei o corpo, numa possível fuga, e minha cabeça foi de encontro à parede. A escuridão era total. Dormira, certamente. As vozes voltaram, em sussurros, comedidas. Pé ante pé, olhos curiosos à fresta da porta, aguardei. Abri-a um pouco mais e vi as saias em rebanada ligeira, os pés da cadeira a ranger nos ladrilhos, no recuo rápido:

— Melhor então não discutirmos isto agora.

Todos estavam nos mesmos lugares, rostos impassíveis, só ela falava. O homem alto e anguloso, que chegara por último, limpava as unhas com o palito.

— Acordo deste tipo não faço.

O homem alto e anguloso apenas distendeu o lábio, num fino sorriso.

Zunido nos ouvidos, que o sono não me fugira de todo, caminhei devagar rente à parede, temendo ser descoberto. De onde eu estava, via, lá fora, na obscuridade da sala de visitas, a sombra escura e volumosa e os pingos indecisos da luz das velas. A porta encancarada para o tempo. E nenhuma visita de sentinela.

Lá ele estava, repousado, pronto para a noite aberta, enfaixado pela cintura, como eu vira o homem fazendo, dias atrás, quando o novilho o ferira.

Na sala de jantar, as muitas mãos cruzadas sobre a mesa, dedos irrequietos a apontar em direção diversas, prontos para contestações. O homem alto e anguloso, o chapéu pousado à sua frente, quebrava, abstraído, o palito nos dedos.

O farfalhar rápido de uma saia arrebanhada:

— Poderia ter vivido mais, não fosse o novilho.

E a voz grave e pausada, do outro canto, entre as muitas cabeças:

— Poderia... Mas o destino...

O palito partiu-se mais uma vez entre o médio e o indicador do homem alto e anguloso e ele apenas concordou, num balançar lento e persistente de cabeça.

O bigodinho, muito fino, do homem atarracado e pescoço tão grosso que lhe anulava o queixo, vibrou quando ele, esquecendo-se de que todos procuravam sussur-



rar, falou alto, jogando as palavras com gestos decididos de mão:

— Mas aconteceu... E estamos aqui... De minha parte, aquela terra não presta.

Virou-se para o vizinho meio sonolento:

— Você, que propôs, pois que fique com ela.

O homem alto e anguloso, outro palito entre os dedos, como a estudá-lo:

— Falemos baixo.

No mesmo instante a porta do quarto se abriu, e a velha mais uma vez afastou com os dedos o xale que lhe cobria o rosto:

— Não vêem que não é hora...

As suíças do homem obeso se destacaram e cresceram como uma advertência:

— Resolvamos logo. Vim para isto. Não foi pequena a distância. E quero ir de vez, com solução definitiva.

A mulher magra e de sinal escuro na ponta do nariz estirou o braço e com o indicador correu vários pontos do grande papel ali estendido sobre a mesa. Fazia perguntas e olhava de um a um. E o cochichar de vozes foi crescendo e se tornou confuso e tumultuado.

De repente, a mulher nova levantou-se e as saias compridas correram nervosas de um lado para outro:

— Eu sabia. Para mim, o pior. Conheço bem aquilo. Ninguém me engana.

Duas mãos apoiaram-se sobre a mesa e levantaram o corpo magro e anguloso, e ele falou, pausadamente, o palito no canto da boca:

— Com o casarão? Fique você.

O homem acariciou as suíças e não se mostrou ofendido:

— Está bem. Fico com ele.

Senti mãos pousarem-me nos ombros:

— Não é conversa para você.

— Não tenho sono.

— Recolha-se.

Antes recuei que obedeci, e detive-me à entrada do corredor. Lá fora, as velas indecisas, e a sombra destacada de dois pés voltados para a noite.

O estalo seco do punho à borda da mesa assustou-me e encolhi-me.

— Não aceito. Um deserto, aquilo.

— Psit.

Só então, aflito, descobri que ele estava só, na grande sala deserta, porta escancarada. As velas apagaram-se. Apenas uma, próxima ao bico da bota, morremorria.

Acheguei-me ao grupo, tímido, que as vozes cochichadas eram ásperas. Alcancei o braço mais próximo:

— Ele está só...

O safanão afastou-me alguns passos.

Insisti, rodando em torno da mesa, procurando descobrir um rosto que me atendesse. O homem alto e anguloso agora palitava os dentes, distraidamente, como ausente de tudo, vinco pronunciado na testa, talvez voltado para problemas distantes. De perto, sentia-lhe o perfume e via, com curiosidade, sua roupa preta, de um preto brilhante, bem talhada. Vencendo o medo, toquei-lhe o ombro várias vezes para tirá-lo da distração. Olhou-me nos olhos, estudou-me dos pés à cabeça, e eu recuei, temendo que ele me segurasse. Mas pôs-se apenas a me olhar, o palito paralizado no canto da boca. Então apontei na direção da sala de visitas:

— Ele está só...

Ele confirmou com balançar vagaroso de cabeça e, de repente, como saindo de um torpor, virou-se para os demais, empertigou-se na cadeira, e entrou na conversa geral com grande interesse. Lenbrei-me dela, à cabeceira, mais entusiasmada que os demais. Poderia, entretanto, trancar-me no quarto, que já a desobedeceira várias vezes.

Voltei a olhar para fora, preocupado. A última vela se apagara. Decidi-me e fui, sozinho, em socorro dele, cauteloso. Agucei a vista para vencer a escuridão, mas foi pelo tato que alcancei a borda da mesa. Deslizei os dedos, com muito vagar, e alcancei a calva fria, que me assustou a princípio. Por pouco não recuei ao contato áspero da borda. E agora as mãos, senti-as sob o lençol, cruzadas e rígidas. Apertei-as, buscando proteção. Elas se descruzaram e me acariciaram os cabelos. A manhã

era de muita luz e o meu canário, no alpendre, espargia água na alegria do banho. Ele pegou-me pela mão e descemos os degrau do pátio.

— Onde vamos, vovô?

— Ver o novilho.

— Onde está ele?

— No cercado.

— Vai matá-lo?

— Vou.

— Levar para a cidade?

— Matá-lo aqui, amarrado àquela árvore do oitão.

— Sozinho?

— Sozinho.

Explicou como seria. Uma facada apenas, o animal amarrado à velha ingazeira. Fizera isto muitas vezes, na mocidade. Certa vez quase morre, quando o animal, furioso, escavou junto ao tronco da árvore, e depois a arrancou e arrastou-a dezenas de metros. Fora necessário o rifle, e muitos tiros para abatê-lo. Desejava, agora, lembrar antigas façanhas. Não haveria perigo. O animal estaria bem amarrado. Depois o esquartejaria, na presença de todos. E postas de carne seriam assadas ali mesmo, na grande área.

— Posso assar um pedaço para mim?

— Pode.

A exclamação forte, vinda de onde estavam reunidos, reboou nas paredes e me protegi, abraçando-me em mim mesmo. Seguiu-se um grande silêncio e, de repente, um suceder contínuo de alterações.

Dei-me conta de que o vento da noite infiltrava-se sob o lençol, descobrindo-o mais e mais. Precipitei-me e, a custo, que era pesada, fechei a porta. Depois as janelas. Agora ele estaria agasalhado. Necessário apenas acender as velas. Apesar da escuridão total, olhei para os lados, na esperança de encontrar alguma coisa que as acendesse.

Orientado pela luz que vinha lá de dentro, voltei à sala de jantar, quase em carreira. As alterações haviam se transformado em balbúrdia de vozes. Todos falavam ao mesmo tempo e a mulher nova, debruçada sobre a mesa, com a unha pontuda riscava pontos diversos do

papel. Puxei muitos braços e implorei fósforos. Libertavam-se de mim com puxões rápidos. Lembrei-me de que o homem alto e anguloso os tinha. Vira-o quebrando vários e usando-os para mascar. Segurei-lhe a manga do paletó. Discutia asperamente, mas era o único que não elevava a voz. Encarou-me com contrariedade e eu lhe estendi a mão:

— Fósforo. Devolvo logo.

Meteu, com muita calma, dois dedos no bolso interno do paletó, trouxe entre eles a caixa de fósforos. Com leve riso de ironia, abriu-a e mostrou-me inteiramente vazia, deixando-a cair ao chão.

Na cozinha eu os encontraria. Mas a meio caminho me afastei, que me assustou a larga travessa que a mulher trazia nos braços. Pô-la sobre a mesa, com vagar, e todos, como por encanto, fixaram os olhos, silenciosos, nas postas de carne frita e gordurosa, espetadas, cada uma delas, com garfos prateados.

— A ceia.

O homem alto e anguloso, o chapéu preso ao peito, com a outra mão segurou o garfo e trouxe à boca, como num ritual, um naco dourado e gotejante. Todos, embevecidos, o assistiram saboreá-la. E o imitaram, às pressas, famintos.

O homem de suíças parou de deglutir e com o cabo do garfo coçou o ventre:

— Do novilho?

— Do novilho.

— Excelente. Excelente. Por que o mataram?

— Matou o velho.

— Não é motivo forte. Animal irracional. Qual o seu valor?

— Na praça?

— Na praça.

— Muito caro.

— Uma estupidez matá-lo. De quem a ordem?

A mulher nova encarou-o fuzilante, o garfo bem firme na mão, as aspas voltadas para a frente, com uma arma:

— De mim.

— Não tinha esse direito.

— Julgue como quiser.

Ela continuou a olhá-lo com ódio. Ele insistiu:

— Estupidez matá-lo.

E as vozes voltaram, acerbadas e crescentes, até reboaram em ecos surdos por todo o casarão. Corri em desespero para protegê-lo, sem temer os tropeços, que fora daquele foco de luz a escuridão era total. Toquei a mesa, quase num encontrão. Alcancei-lhe a calva, a barba, os dedos frios e rígidos. Segurei-os, trêmulo. Elas mais uma vez se descruzaram e auxiliaram o homem a amarrar o belo animal no tronco da árvore. Todos assistiam calados e distantes. Então ele sacou do grande punhal e marchou decidido. Mas o estalo violento partiu a corda. O segundo de surpresa foi de profundo silêncio. Como este agora, na sala de jantar. Como se todo o casarão estivesse deserto. A velas, por isto, acenderam-se em fachos azulados e iluminaram toda a sala. Os grandes retratos nas paredes destacaram-se com nitidez viva.

E ele, nas botas bem engraxadas e no terno escuro, deitado no caixão de alças douradas e forrado de seda sorriu para mim. E eu me sentei perto dele, na ponta da mesa. Pedi que me contasse a história do novilho que, com sua força, arrancara uma árvore. Ele preparou-se para isto, mas o arrastar de pés, na sala de jantar, fê-lo calar-se e fechar os olhos como se dormisse. Fiquei expectante e aflito, porque os fachos luminosos morriam lentamente.

Todos então apareceram no corredor, famintos, garfos na mão, gigantes como tridentes. Pus-me sozinho, no centro da sala, como um anteparo, decidido. Braços enormes caíram sobre mim e doeram-me as sacudidelas bruscas.

Olhei em torno:

— Onde estão?

— Já se foram.

— E vovô?

— Também.

Um fio de luz de vela iluminava, na sala de visitas, a mesa vazia. E através da porta escancarada, um vento frio entrava e corria por todo o casarão.

— Precisa alimentar-se.

— Não tenho fome.

Ela segurou-me pelo braço e levantei-me com dificuldade, sentindo dores no corpo.

— Venha. Venha alimentar-se.

— Não tenho fome.

Ela, o xale a cobrir quase todo o rosto, o rosário pendente dos dedos, aproximou-se da mesa. Deteve-se ali em grande silêncio, como se rezasse. Acerquei-me curioso. No centro da larga mesa, a travessa com garfos abandonados como ossos insepultos.

— Comeram tudo, filho.

— Eu vi.



## A volta

Divisei luz a escoar do quarto de orações. Aproximei-me em passos lentos. A porta do oitão, que eu deixara escancarada, enquadrava em meia sombra a tamarineira centenária.

Vi-me, de relance, sob a densa folhagem, ódio nos olhos, soluços estrangulados na garganta, resolução tomada:

— Nunca mais volto a esta casa.

— Pois não volte.

Grandalhão, olhando-me divertido, puxava com carícia os fios da barba, polegar esquerdo enfiado no colete:

— Pois não volte.

Apoiava-me agora à borda da larga mesa. Respiração cansada.

— Mãe!

O eco multiplicou-se ao longo do corredor.

— Voltei, mãe.

Os filetes de luz pálida, à porta do quarto de orações, desenhava nos tijolos contornos imprecisos. Troquei passos na ponta dos pés e ouvi sussurro de voz. O contacto dos meus dedos trêmulos foi suficiente para que, ao ranger de velhos gonzos, me surgisse o quarto por inteiro. Vi-a encurvada e contrita ao pé dos santos.

— Mãe, voltei...

Não interrompeu o balbuciar cadenciado e ciciante.

— Voltei...

Acerquei-me do baú tacheado e, amparando-me com cautela, acomodei-me e libertei a dor aguda, relaxando as pernas, suspirando fundo e fechando os olhos.

— Não suportei...

A barba de muitos dias espinhava-me ao contacto do colarinho.

— Desculpe-me...

Lentamente, quase num ritual, desabotoei a camisa e friccionei o peito, num aconchego bom. O santo austero destacou-se entre as imagens e encarou-me nos olhos. Abotoei-me às pressas, com despistamento de pigarro curto.

Lembrei-me das velhas repreensões:

— Abotoe-se, menino. Por que não vai dormir?

— Espero pela senhora. Tenho medo.

— Então fique quieto e não bata na mala com o calcanhar. Atrapalha.

— Sim, senhora.

Aquelas repreensões, ouvidas tantas e tantas vezes, que era instintiva a minha mania de bater os pés encardidos e descalços no couro enrugado da mala, o som cavo a atrapalhar-lhe as orações.

Acaricieei o rendilhado de tachas douradas.

— Um alívio, mãe, sentar-me neste mesmo lugar, como antigamente. Apenas a dor me tortura. É que me feri.

Acaricieei a perna, sensível e dolorida.

— Feri-me...

Suspirei com lentidão.

— Reze em paz. Eu espero.

Ferira-me em espinhos, durante a longa caminhada, e a boca da calça, em tiras, expunha-me a perna lanhada.

— Posso assoviar, mãe? Eu gostava... Lembra-se?

Meus lábios se contraíram mas o cansaço deu-me forças para um sopro de desalento. Então preendi as mãos entre as coxas e esperei.

O ruído sutil e cauteloso pôs-me em expectativa:

— Quem será, mãe?

Aguardei, tenso, pressentindo-lhe a mão calosa escancarar a porta e o dedo em riste indicar-me a saída:

— Jurou que não voltaria. Fora!

Descobri, num alívio, que eram folhas, apenas folhas, ao sopro do vento, que lhe lembravam as passadas.

— Não quebrei o juramento, mãe. É que me falaram da morte dele. Então voltei.

O cochilo rápido fundiu imagens e ele então surgiu, cinto na mão, perseguindo-me em torno da mesa. No canto de parede não encontrei fuga possível. A vergastada violenta queimou-me como um ferrete e o sangue me escureceu o olho esquerdo.

A volta à realidade, num estremeção de músculos, encontrou-me a acariciar o supercílio. Cicatriz nodosa a atingir-me o canto do lábio.

— Falaram-me que morreu. Então voltei. Só assim voltaria.

Instintivo e apressado, que a reminiscência chegara de supetão, corri as mãos pelos bolsos. Viviam eles sempre peçados de pedras. Na manhã chuvosa e enevoadada, escolhi a maior e mais polida, levei-a ao estilingue. A voz feriu-me os ouvidos, autoritária:

— Dê-me isto! Rápido!

Arrancou-me o brinquedo das mãos com violência e rasgou-me toda a roupa à procura das pedras.

— Rasgou-me toda a roupa... Ficou em tiras... Lembra-se?

Deixei cair os braços ao longo do corpo e acompanhei, olhos fechados, o latejar da perna, ritmado como o coração.

— Veja a senhora... Catei pedras nos bolsos... Viviam sempre cheios delas...

O latejar aumentou de intensidade.

— Como doi a perna... Não consegui tirar todos os espinhos...

Encarei-a ali de costas, contrita, encurvada, a mesma.

— Não quero interrompê-la, mãe, mas minha curiosidade é grande. Estará mais velha? Eu emagreci. A senhora verá.

A luz votiva crepitava em estalidos secos e os santos, rígidos, deslizavam dentro das sombras oscilantes.

— Amanhã vou correr todo o casarão. Não gosto

dele, a senhora sabe. Podemos demoli-lo. Os alicerces, apenas os alicerces, dão para uma casa nova.

Divisei a velha arca, acachapada e comprida, no canto do quarto, empoeirada. Ela abriu-a uma tarde e examinou, enternecida, as peças e objetos.

— Foram do seu pai.

As mãos acariciaram as botas de couro, de um vermelho sanguíneo.

— Ele era grande assim, mãe?

— Um homem bonito.

— Este é feio.

— Respeite-o. É seu novo pai.

— Veio de onde?

Pegou-me ele um dia com a mão no fecho emperado.

— Não mexa nisso, menino!

— Mamãe disse que é do meu pai...

— Solte isto!

O medo pânico levou-me ao canto escuro, entre o baú tacheado e a parede, que a discussão lá fora ia áspera:

— Jogue fora aquelas velharias! Então ponho eu!

Vimo-lo atijando o fogaréu, e as botas, sob as labaredas, contraírem-se como num rítus de dor.

— Eram bonitas... De um vermelho vivo... Recordo-me bem...

O silêncio, quebrado apenas pelos piscos sonoros da luz ao pé dos santos, envolveu-me em grande paz. Não mais a dor na perna. O cansaço diluira-se em profundo sono.

— Acorde-me depois, mãe. Estou bastante cansado.

Ergui a gola do paletó e cruzei os braços ao peito.

— Começa a esfriar. Deixei a porta do oitão aberta, Mas não tenho disposição para ir fechá-la. Sempre permaneceu aberta... Não a fechávamos nem nos dias de chuva... de muita chuva...

O temporal encharcava-me os ossos e eu tiritava de frio, arfando de cansaço para vencer a ladeira escorregadia. A poça d'água levou-me de encontro aos espinhos e

a calça abriu-se em tiras. A dor aguda obrigou-me a mudar de posição.

Entre as pálpebras mal cerradas vi que era dia na luz clara que incidia sobre os largos tijolos. Corri a vista, com vagar e surpreso, pelo quarto deserto. Do lugar onde me achava, sentado no chão, vi com nitidez que o retângulo mais claro, em frente, na parede de reboco sujo, guardava as proporções do oratório, que ali permanecera durante anos. E as duas manchas circulares, no chão, a dois passos de mim, perpetuavam a lembrança de uma penitência de muitos anos de orações. Como se ela ainda ali permanecesse.

Fiquei a fitá-las, abstraído e ausente, dando-me conta apenas de que o silêncio era infinito e profundo.



## O encontro

Tossiu e crispou os dedos descarnados nas bordas da rede:

- Ela não disse um ai.
- Quem?...
- Sua tia, minha mulher.
- Ah, sei.

Sentou-se de repente, corcovado, os olhos penetrantes e buliçosos:

- Eu tinha ou não tinha razão?
- Certamente.

A barba, espinhenta, escurecia os sulcos das muitas rugas. A língua, saburrosa, pincelou os lábios gretados:

— Merecia. Os dois mereciam. Escapou, o crápula. Foi rápido: não disse um ai.

- Lembro-me.
- Não se lembra. Era muito pequeno.

Ergueu-se num estralejar de ossos e senti-lhe as rótulas bater-me na coxa. Instintivamente, recuei a cadeira. Pigarreei, cruzei e descruzei as pernas, num despistamento apressado.

Com o antebraço, ele jogou a rede por sobre a cabeça e parou junto à janela. De costas, parecia extremamente velho, ombros a tocar a ponta das orelhas, a calça a cair em dobras moles. Cruzou as mãos às costas, os dedos trêmulos e nervosos:

- Apareçam!
  - Quem, tio?
- Apoiou-se ao parapeito.

A poeira, em remoinho, vencia bamboleante a crista do morro. O braço se estendeu para fora da janelas, apontou lugares:

— Estão escondidos, eu sei. Apareçam! Escondem-se nas moitas, como lagartos.

Levantei-me aflito e os pés da cadeira rangeram no recuo rápido:

— Não há ninguém, tio.

Aproximei-me e minha mão cautelosa segurou-lhe o braço. Senti o excesso de pano entre os dedos.

— Tolice, tio. Venha descansar.

— Descansar...

Deu meia volta, sereno, chegou-se a rede, abriu-a com cuidado, sentou-se e me encarou com simpatia:

— E então, como vão todos?

— Bem.

— Por que veio visitar-me?

— Afinal...

— Nunca mais o viram?

— Quem?

— Ora quem...

— Não sei de quem o senhor fala.

— Do cafajeste do seu pai. Ou não o julga um cafajeste?

— Nunca mais o vimos.

As pupilas fuzilaram-me:

— Tal como ele... Tal como o pai...

Encolhi-me, constrangido:

— Dizem...

— Nos gestos... os olhos... os cabelos... tudo...

— É...

— Até na maneira de falar.

Suspirou e mostrou-se interessado:

— Vamos, sente-se. Conte-me as novidades. Sua mãe, como vai?

— Bem.

— Tive muita pena dela.

O mesmo de antigamente nos olhos vivos. Lampejo de poucos segundos. As pálpebras apertaram-se e as rugas aprofundaram-se no rosto, numa contrariedade profunda:



— Matei. Merecia. Mataria os dois, uma, duas e muitas vezes.

— É...

O braço riscou rápido:

— Cercaram-me a casa como se eu fosse um bandido Eu, o bandido!

Riso curto de ironia:

— Eu, o bandido...

— É...

— Concorda?

— Claro que não.

Respiração apressada, ódio nos olhos estriados. As mãos, encordoadas, firmes nos joelhos. Mas os dedos perderam lentamente a rigidez, os ombros encolheram-se e o corpo desapareceu nas dobras da rede.

— Como vai o crápula?

— Quem?

— O meu irmão, o seu pai. Ora não se faça de tolo.

— Nunca mais o vimos.

— Verdade?

— Nem poderia ser o contrário.

— Duvido.

— Talvez nem viva mais...

— Seria melhor.

A cabeça surgiu, rápida:

— Amélia!

Ensimesmou-se:

— Era bonita... Verdadeiramente bonita... Ninguém mais bonita do que ela.

Levantei-me e dei voltas pela sala imensa. O retrato de corpo inteiro, uma lembrança do antigo fausto. A sala muito iluminada, a família reunida na noite chuvosa, ele a passear:

— Na minha casa... Na minha alcova... O meu irmão...

Debruçou-se à janela:

— Samuel! O meu cavalo, rápido! Vou procurá-los.

Voltou ao meio da sala e o menino recuou em defesa até o canto da parede. Gente a entrar e a sair. Conversas cochichadas. Soluços. As mulheres mais velhas comentavam aflitas:

— Mas a Amélia!...

O menino correu e abraçou-se à mãe. A chuva tamborilava persistente. As mãos nervosas acariciavam o menino e ele somava o seu choro aos soluços da mãe. A voz, áspera, elevava-se às demais:

— O meu irmão! Como pôde ele, meu Deus... Logo ele!

O menino olhava-o com medo pânico.

O hálito morno, no meu pescoço, provocou-me arrepios e num volteio rápido guardei distâncias de alguns passos.

— Admirando o quadro, rapaz? Um belo quadro, não?

— Bom trabalho...

— Esteve aqui alguma vez, na minha ausência?

— Eu?

— Sim.

— Não, nunca.

Olhou longamente o retrato.

— Já fui assim... Avalie.

Coçou o queixo, numa abstração:

— Sim, senhor... Vinte anos...

— Passa rápido...

— Na cadeia, nem tanto.

— Por que voltou para este casarão, tio? Está caindo aos pedaços.

— É minha casa, não?

Voltou à janela e apoiou, o braço estirado, a mão ao parapeito. Olhos nos ladrilhos. Batia o relho na bota, firme e compassadamente. Encarou, de repente, o grupo:

— Pois muito bem. Está tudo acabado. Entrego-me.

A ponta do relho dançou no ar, fora da janela:

— Mas mande primeiro esses bandidos embora, delegado. Não sou negro fujão.

— O senhor resistiu.

— Não estou resistindo.

— Tentou.

— Devia ter tentado.

Deitou a vista, com desprezo, para os que choravam.

e aproximou-se da mulher abraçada ao menino e em grande aflição:

— Foi pena, cunhada. O certo seria a viuvez para mim e para você.

Olhou demoradamente os confins. Circulou, depois, o olhar pela cumeeira, pelas paredes descascadas. Fitou-me:

— Magricela e com esse olhar de inocência. Tal qual o pai.

Meu riso, quase de medo, buscava humor:

— Pareço-me com o senhor também. Mal de família. Todos somos muito parecidos.

— É, não é?

Cruzou as mãos às costas, o perfil uma sombra da imponência:

— O que foi feito dele?

— De quem?

— Fui claro, não?

— Já lhe disse que nunca mais o vimos. Nunca mais. Verdade.

— E sua mãe?

— Envelhecida...

— Nisto eu creio.

— Não sabe desta minha visita.

— Por que não?

Deu alguns passos pela sala, vagaroso, quase a arrastar as pernas.

— Amélia!

Aproximou-se do corredor, ágil e lépido, como antigamente:

— Amélia! Um café para a visita. Vamos, sente-se. Encarei-o indeciso:

— Eu?

— Quem mais. Vamos, sente-se. Fique para a ceia. Conhece o meu irmão? É um sujeito formidável! Vem aqui todas as noites, com a mulher e o filho. Amélia!

Cobriu o rosto com as mãos e demorou-se num silêncio prolongado. A ventania, lá fora, corria serena e vibrava na janela, por onde entrava canalizada.

— Era bonita... Aceitou passivamente: não soltou um ai.

Tornei à cadeira, ali próximo à rede. Os armadores rangeram quando ele se acomodou à minha frente. asmático. Bateu-me na perna:

— E os negócios?

— Os negócios?

— Sim, os negócios, mano. Você está mesmo louco: um novilho daqueles por preço tão baixo...

Passou os dedos pelos cabelos ralos. O pente desceu lento e se desprendeu do último fio à altura dos quadris. O rapazinho, curioso, vasculhava velhos papéis:

— Quem são estes, mãe?

Tomou o retrato nas mãos, olhou-o por longo tempo, citou nomes. Grupo grande e risonho, todos sentados em cadeiras de respaldos altos.

— E esta?

— Qual?

— Esta, entre este homem de bigode e esta mulher.

— Sua tia Amélia.

— E o magro, de branco?

— Seu pai.

— Meu pai?

— Guarde isto. Velharias.

As mãos acomodaram sem cuidado os papéis e os retratos na caixa:

— Parecia-se muito com você...

— E onde ele está?

— Morreu para nós, filho.

Abandonou as mãos no colo, num desalento.

Os dedos nodosos bateram-me com força na perna:

— Bem, sobrinho, começa a escurecer.

— É verdade.

— Obrigado pela visita.

— Ora...

— Faça-me um favor.

— Claro.

— Apanhe o candieiro, na sala de jantar.

— Pois não.

Meus passos reboaram pelo corredor comprido e deserto. O casarão dormia uma quietude de muitos anos. O tio, na sala, tossia alto. O candieiro, no centro da larga mesa, sozinho e enegrecido. Tomei-o nas mãos e

examinei-o à porta da área. A chama do fósforo deu-lhe vida, como por encanto. Então vi os sapatos bem engraxados que subiam, compassadamente, os degraus da alta calçada. E o broche da gravata brilhou dentro do círculo de luz:

— Como vai ele, filho?

Encarei-o surpreso.

— Não se recorda de mim?

Nele me vi mais velho, apenas mais velho, ali a dois passos.



## A viga

Irritou-me o ranger cadenciado e impertinente. Esperei a volta do embalo e sustive a cadeira. Seus cabelos tocaram-me os dedos e eles bailaram nervosos, no desejo incontido de tocar-lhe a trança semi-desfeita e despenteada.

— Não toque em mim.

Soltei a cadeira e ela voltou a ranger, monótona, ao peso do seu corpo, o pé, intumescido, a pisar a chinela para o impulso.

— Por que veio?

— Revê-la, apenas.

— Não precisava.

Troquei alguns passos, em meia volta, para encará-la de frente. Mas não subi a vista além das pernas de varizes arroxeadas, meias de algodão caídas em rodilhas em volta dos tornozelos.

— Deixe-me em paz.

— Apenas uma visita...

Os dedos coçaram a varize maior da perna esquerda, e as estrias alongaram-se na minha vista e alcançaram, na lembrança, o joelho bem torneado. Acaricieio com malícia. Cobriu as pernas, aflita e afogueada:

— Juízo.

— Tolice.

— Aqui, não.

— Deixe.

Pingos grossos caíram-me na roupa.

— Solte-me. Vai chover...

Desvencilhou-se do abraço e correu para casa, a trança, muito negra, solta ao vento.

Com desfaçatez, entrei assoviando, mãos nos bolsos, encontrei-a a embalar-se na cadeira com impulsos fortes. Bebi água, em gole lentos, mas que logo se apresaram ao ouvir o grito do velho, na sala de fora:

— Chuva! Fechem as portas!

Procurei portas e janelas, buscando ser útil.

O velho entrou na sala, apoiou-se ao respaldo da cadeira e o embalo cessou.

— Ajude o seu namorado, minha filha.

Antecipei-me:

— Não é preciso. Fechei tudo.

— Ficou muito escuro. E o candieiro?

Apanhei-o ali sobre o mármore do guarda louça, levei-o ao centro da mesa e avivei-o.

— Obrigado.

— Nada.

À luz mortíça, ela ali perto, tranqüila na cadeira-de-balanço, parecia dormir. O velho acariciou-lhe os cabelos e veio sentar-se, como sentindo dores, à cabeceira da mesa.

— Sente-se também.

— Não. Tenho que ir.

— Com este tempo?

— Está ficando tarde.

— Há tempos não conversamos. Ela toma-lhe todo o tempo e se esquecem deste velho.

Voltou a cabeça:

— Ela não está dormindo. Sempre fica assim quando chove. Acostume-se com isto.

Acomodei-me ao seu lado e brinquei com o candieiro. Prendi a aselha entre os dedos e procurei girá-lo, como um pião.

— Cuidado com o óleo.

— Verdade.

Soltei-o e, com cuidado, empurrei-o para o centro da mesa. Cruzei as mãos ao queixo.

Ele olhava a pequena chama de luz quase numa veneração.



— Já lhe contei, rapaz, sobre o raio que caiu na cumeeira desta casa?

— Não, senhor.

— Uma coisa horrível...

— Avalio.

Seus mãos, descarnadas, contraíam-se nervosas, vedando-me o rosto dela, ali quieta na cadeira-de-balanço.

O indicador apontou para o teto:

— Pois aquela viga partiu-se ao meio.

Procurei descobri-la, escangotado, cerrando as pálpebras e forçando a vista para vencer a penumbra.

— Rente à minha cabeça.

— Sei.

— Foi uma coisa horrível...

O velho interrompeu sua história:

— Venha para cá, minha filha.

Ela ergueu-se, decidida:

— Já ouvi essa história muitas vezes, pai. Vou passar um café.

Marchou para o escuro da cozinha, passos firmes percutindo secos nos ladrilhos. E entre os estalos dos trovões, chegava nítido o entrecocar de louças e painelas.

O velho segurou-me o pulso:

— Tenho pensado no casamento de vocês... Ela nasceu neste casarão mas não tem apego a ele, e para você ele não diz nada também...

— Poderá vendê-lo. E ir morar conosco.

— Este é o meu mundo, rapaz.

— Compreendo.

A voz dela veio da cozinha:

— Não encontro a lamparina!

Mostrei-me prestativo:

— Vou ajudá-la. Está escuro lá.

— Leve o candieiro.

— Não é preciso.

Amparando-me à parede, fui encontrá-la junto ao fogão. Sua trança roçou-me o rosto e enlacei-lhe a cintura.

— Cuidado.

— Tolice.

Puxei-a para mim.

— Você está louco.

— Tolice.

Esmaguei-lhe os seios. Ela voltou-se e abraçou-me com desespero. A sufocação de beijos levou-nos a uma fusão total e rápida, num farfalhar de roupas em desalinho.

— O que aconteceu?! Encontraram luz?!

— Ainda não!

Ela desvencilhou-se e, inquieta, procurava recompor-se.

— Ele desconfiou...

— Não desconfiou nada.

— Vou para o meu quarto. Solte-me.

Atravessou o corredor quase em carreira.

— Para onde vai, filha?

Permaneci em expectativa, tenso. O bater sonoro do quarto dela, trancando-se, deu-me decisão. Verifiquei botões e gravata e retornei em passos lentos, meio assovio de despreocupação, procurando interessá-lo na história que tentava me contar:

— E o senhor providenciou viga nova?...

Sentei-me perto dele, mãos presas entre os joelhos, afogeados.

— Por que trancou-se ela? O que houve?

— Medo dos trovões.

— Nunca teve antes.

— E a viga?

— O raio fez um estrago muito grande.

— Avalio.

— Pois naquele dia, rapaz...

— Conte.

Falava aos atropelos, asmático, dedos longos de unhas amarelecidas a se contraírem. Olhei-o de soslaio, temendo algum vislumbre de repreensão. Suas pupilas, esclerosadas, fitavam a chama do candieiro. Tive súbita pena dele e um grande arrependimento.

— Não acha, rapaz?

— Hem.

— Não acha?

— Ah, sim... Evidente.

Ele ampliava os gestos, apontava para o alto da cumeeira, com o indicador fazia contornos no verniz da mesa. Eu acompanhava com balançar persistente de cabeça, vinco na testa, num simulacro de surpresa e muita atenção:

— O quê!

Mas toda a minha atenção estava voltada ao menor ruído que viesse do quarto. Ela estava lá, possivelmente em prantos ou palpitando sob os lençóis. Doía-me o baixo ventre, do esforço quase em desequilíbrio, e sentia ainda, nas roupas internas, a permanência visguenta do meu ato.

— Bem, rapaz, parece que serenou.

Inspecionei rápido a própria roupa, como se chovesse dentro de casa.

— É verdade. E a viga?

— Bem... já lhe contei...

— Claro, claro.

Veio-me o desejo súbito de fuga:

— Preciso apressar-me. A estiagem será pequena. Nesta época do ano... Que horas são?

Como se aguardasse apenas a minha pergunta, o relógio de parede, a balançar seu pêndulo como um compasso imenso, bateu onze vezes.

— Esqueci-me das horas... A história da viga prendeu-me bastante...

— Nunca a consertei.

— E o casarão não se abalou por isto?

— Não creio.

Mostrei-me gentil:

— Posso consertá-la.

— Veremos um dia.

— Prometo. Adeus.

— Não vai vê-la? Venha cá, minha filha! O seu namorado já vai!...

— Deixe-a descansar.

— Quando volta?

— Bem...

Destranquei a porta e chapinhei na noite, aos escorregos, apressado, em fuga, para respirar fundo ao sentir o suor pingar-me do queixo. A chuva engrossou e

desabou em louco temporal, encharcando-me até os ossos. Sentei-me no barro mole, indiferente à água que gorgolejava-me entre os pés como pequenos rios, criando forças para vencer o resto da caminhada em menor espaço de tempo possível. Ergui-me com esforço, minutos após, e, logo adiante, a poça d'água atingiu-me o alto do tornozelo, e eu recuei, num calafrio, ao ver agora aquele, a poucos passos de mim, disforme pela intumescência, a meia enrodilhada em volta como uma serpente.

— Por que veio de novo a esta casa?

Meu olhar subiu ao ventre de muitos meses:

— Bem...

— Deixe-me em paz.

Andei alguns passos e olhei a cumeeira muito alta.

— Disseram-me que ele morreu.

— Quem?

— Seu pai.

O balanço da cadeira voltou renitente, monótono. Senti que ela me fuzilava com seus olhos. Dei-lhe as costas:

— O tempo passa rápido, hem...

— Por que voltou a pisar nesta casa?

Arrependia-me agora. A soquear a palma da mão, numa aparência de despreocupação, e a olhar em torno, mostrei-me curioso:

— Tudo como antes... E a viga partida, consertaram-na?

O ranger da cadeira mantinha a mesma cadência.

— Além do mais prometi a seu pai que um dia eu a consertaria.

— Se prometeu alguma coisa algum dia, então cumpra a palavra.

Andei sem muita orientação e me vi na cozinha. O cadenciar da cadeira aumentava o rangido. E aquele canto de parede, entre o fogão e o armário com velhas louças, jogou-me ao passado, numa presença quase física. Desci os degraus, da área e subi ao telhado para cumprir a promessa. Ainda dali ouvia-lhe o ranger impertinente da cadeira.

Vi-me então sobre o mar de telhas, a andar sem norte.

## O negro

O indicador balançou sobre a mesa de verniz descascado:

— De respão, apenas.

Sulco de estrias eriçadas, do canto da mesa à borda. O braço se estendeu e o dedo apontou noutra direção:

— Cravou-se ali na porta. Um trabalhão tirá-la, dias depois.

O orifício destacava-se negro e nítido, como desenhado sobre a madeira.

— Revólver?

— Revólver.

Apoiou-se à mesa, braços firmes, manoplas em cada borda. A esquerda levantou-se rápida e desferiu o soco:

— Tomei-lhe a arma. E o resto todos sabem, e não só nas redondezas.

Sentou-se, flácido, na larga cadeira, e ficou a apalpar o queixo, com lentidão e com carícia, como a modelá-lo.

— Está com fome?

— Não.

— Vamos jantar.

Bateu algumas palmas fortes:

— O jantar!

A acústica reboou nas paredes nuas. De muito longe, talvez das cercanias do lago, um pássaro de fim de tarde soltou um trinado agudo e aflito.

Seus olhos pousaram em mim, bondosos a princípio, ásperos depois. E quase em confidência:

— Negro cretino, isto sim.

— O negro?

— Justamente... Foi ele quem atirou. Todos dizem que não. Não conhecem a malícia do cabra. Quer vingar-se dos castigos merecidos.

— O senhor não tomou-lhe a arma?

— Bom... quase isto.

Olhou impertinente em direção à cozinha:

— Ponha o jantar, mulher!

O arrastar de chinelas, primeiro, ao longo do corredor, e o vulto, então, à meia-sombra.

— Diga.

— Ponha a sopa.

Pensativo agora, mãos a cobrir o rosto. Pôs-se, a seguir, de olhos para cima, a contar as telhas com os indicadores. Imitei-lhe o gesto, e a claridade de um por de sol, através do trecho destelhado, mostrou-me um pedaço de nuvem.

A mulher alta e de preto, a arrastar os pés para manter o equilíbrio, aproximou-se, prato em cada mão, polegares mergulhados na gordura. A prudência não impediu que pingos grossos caíssem sobre a mesa. Retirou-se então em recuo lento, a limpar os dedos nos babados. Ele encarou-a, numa repreensão:

— Imprudente, como sempre.

Empurrou um dos pratos na minha direção:

— Beba.

— Não tenho fome.

Ciscos caíram do teto e muitos deles, nitidos, boiaram no caldo amarelo.

Ele puxou o prato com ambas as mãos, como a abraçá-lo, e chegou os lábios à borda. A sucção bamboleou os nacos de carne. Olhou-me de viés, o bigode pontilhado de gotas:

— Beba.

— Não tenho fome.

Limpou os lábios com a palma da mão e estendeu-a em direção à porta:

— Partiram de lá os tiros...

— Não foi ele.

— O negro? Isto dizem. Nunca prestou. As surras foram merecidas.

Examinou, pálpebras semi-cerradas, o trecho destelhado da cumeeira. Acompanhei-lhe a vista. Brecha de alguns metros, pelo qual via-se um céu que escurecia.

— Dia a dia aumenta o trecho destelhado. Desconfio que é trabalho dele.

— Do negro?

— De quem mais?

Quase num sussurro, debruçado sobre a mesa, olhos injetados:

— Ouço sempre o barulho. As telhas estão sendo retiradas lentamente, num trabalho paciente. Ele quer, não tenha dúvida, desmanchar este casarão aos poucos, numa vingança atroz.

Concentrou-se e guardou silêncio, o indicador, em toques ligeiros, a provocar mergulhos nos nacos de carne. Deu de ombros em direção à mulher:

— Ela se impacienta com isto. Eu não. Como no passado, outros castigos ele receberá.

Encarou-me firme:

— Já matou alguém?

— Eu?

— Você.

— Não, nunca.

— Bom. Eu não digo que tenha experiência. Mas se ele entrar por esta porta ou por a cabeça através daquela brecha destelhada, fique certo de que não terei nenhum peso de consciência. Sabe quantos anos eu tenho?

— Aproximadamente.

— Está claro que não sabe.

— Sou da família.

— Mas não guardou a minha idade. Essas coisas, só nós os mais velhos é que temos o cuidado de guardá-las.

— Não sei se importa...

— Às vezes, e muito.

Gritou para o fundo da casa:

— Pode levar os pratos!

Como se estivesse a esperar o grito, ela surgiu de pronto.

— Pode levar. Não está a meu gosto e ele insiste em não ter fome.

Agarrou-me o pulso, firme, o polegar da outra mão a apontar para cima:

— Pensa você que me preocupo com o trabalho dele? Pois pensa errado. Um dia ele porá a cara entre as telhas ou tentará entrar por esta porta. Então você verá.

A mesa livre, limpou as nódoas com a manga do paletó, insistentemente, como a envernizá-la, a morder a ponta da língua.

— Quando nova, tinha brilho de espelho. Negro cretino, isto sim!

— Os tiros não foram dele...

— Dizem. Mas só eu sei.

— A história dos tiros é antiga...

— Quase o desarmo.

— Por que não o esquece?

— Negro sujo.

Levantou-se, empertigado, mão no respaldo da cadeira, outra no quadril, demorou-se a examinar a larga brecha da cumeira destelhada.

— É... Está tentando desmanchá-lo...

— O casarão?

— O que, então?

Aproximou-se da porta do oitão e com o anular acariciou o orifício:

— Um cretino, como todos da raça dele... Isto, sim... Um cretino... O seu avô, rapaz, foi da Guarda Nacional sabia?

— Sabia.

— Construiu isto. Usou exatamente essa laia, que para isto ela servia.

Agora eu o via de perfil, mãos cruzadas às costas, a fitar distante. Exatamente como o vira na tarde chuvosa, arrogante, indiferente aos rogos, autoritário:

— Pode começar. E sem pena.



As chicotadas riscavam, como lâminas, as costas luzidas do negro, àquele tempo menino ainda.

— É uma criança.

— Sem pena.

As mulheres se aproximaram, com muito cuidado, tímidas. A mais velha, com jeito, puxou-lhe a aba do paletó:

— Tenha dó.

— Negro sujo.

O homem magro, rosto sem expressão, descia as chicotadas em compassos certos, sibilantes. E ele imponente olhava o tempo, através da porta aberta da área, mãos cruzadas às costas, impassível, como a estudar possíveis chuvas vindas do nascente. E os pés do negro, solas alvas, contraíam-se ao ritmo das chicotadas. Do seu rosto, esmagado de encontro ao chão, escorria um filete de baba que corria lento entre as juntas dos ladrilhos.

Recuei muitos passos, temeroso, e encontrei as saias protetoras que me envolveram e me conduziram para o escuro da camarinha.

— O meu amigo vai morrer...

— Cale-se. Deite-se nesta rede e fique aí.

— Vai acabar morrendo...

Embrulhei-me na rede, enrolei o lençol na cabeça, mas continuaram a me penetrar a espinha os sibilos das chicotadas, agudos e em espaços uniformes. A aflição das mulheres aumentava-lhes o farfalhar das saias.

Então veio o silêncio e o pigarro grosso. Agucei os ouvidos e esperei. E os pingos, varridos pela ventania uivante, eram como dedos a tamborilar na janela, lentos a princípio, apressados em seguida. O trovão longínquo, para os lados do contorno da serra, deu-me conta de que minha mão era muito forte e eu cresci como um gigante. Segurei-o firme:

— Solte ele. É meu amigo.

— O castigo então será para os dois.

— Experimente.

— Não se meta nisto.

Encarei-o de frente, decidido, indiferente à sua imponência de mando ali à soleira da porta, embora as

mulheres recuassem em pânico. Seus olhos encontraram os meus e minha decisão transformou-se em covardia, que minha força desaparecia como por encanto e aquele trovão, que se aproximava como uma carga protetora, fugira para os confins. Ele ergueu os braços longos e tentou envolver-me a cabeça com a malha. Num estremeção de músculos, vi, através do rendilhado das varandas da rede, as telhas lá muito altas. As pulsações reboavam-me nos ouvidos. A chuva descia compacta, matraqueava na janela, em pancadas moles batia nos tijolos da calçada alta, caída em cascata da boca-de-jacaré.

— Mãe!

O negro estava lá, estirado no oitão, jogado na chuva, sujo de sangue e dos enxurros.

— Mãe!

A mão acariciou-me os cabelos, que ela viera silenciosa, pé ante pé.

— Sonhei, mãe.

— Já passou.

— E o meu amigo?

— Tudo bem. Já passou.

— Um dia me vingo.

— Cale-se.

Levantei-me com dores nas têmporas, e, cauteloso, abri uma fresta da porta. Vi-o de perfil, mãos às costas, a porta escancarada para o tempo, banhado de chuva. Não se abalara da sua posição de mando, quer diante dos rogos ou da intempérie. Agora buscava conservar a aparência de antes, embora corcovado, a roupa no fio, os sapatos cambaios.

— Eu estava me lembrando...

— De que?

— Naquele dia choveu muito...

— Que dia?

— Recordações tolas.

— Não pense em tolices.

— Um fato acontecido há muitos anos...

— De importância?

— Um tanto.

— Nada é mais importante do que dar cabo desse

negro. Lembra-se bem dele, não? Claro, era seu amigo, ou você julgava isto.

— É...

Ele recuou até a mesa e limpou demoradamente, com a manga do paletó, uma última nódoa de sopa. Sentou-se de costas para mim, pernas cruzadas, mãos apoiadas aos joelhos:

— Diga-me: lembra-se bem dele, não, rapaz?

— De quem?

— Você sabe a quem me refiro.

— O negro?

— O negro.

— Claro.

— Não andei errado em procurar afastá-lo dele. Os tiros partiram daquele cão danado. E este serviço, aqui no teto, não é de outro, fique certo.

Escurecia. Cincerros de reses badalavam não muito distante. O vento de verão levantava o pó e ciscos entravam na casa.

— E se chover?

— O que tem?...

— A cumeeira destelhada...

— Não é a primeira vez que chove dentro desta casa. Saberei me arrumar muito bem.

Pios de aves que se recolhiam. O vento agora zunia forte, pela porta escancarada, e o guizo seco de cascavel, preso ao alto da parede, chiava impertinente, como ainda no corpo do réptil. A porta do quarto em frente fechada como sempre, que nunca fora aberta. De costas para mim ele parecia rezar. Aproximou-se a velha de preto, encostou-se à parede, contrita e indecisa. Numa resolução rápida, pôs-se a esfregar o trapo na mesa. A voz acompanhou a meia volta do corpo, até encará-la de frente:

— Já me encarreguei disto. Leve daqui esse pano sujo.

Ela enrolou o trapo nas mãos, cruzou-as ao peito e sumiu-se no corredor, rumo à cozinha.

— Os que não morreram se foram. Você inclusive. Ficou-me esta, como você vê. Mais me aborrece do que me ajuda. Lembra-se dela?

— Lembro-me.

Levantei-me e, mãos nos bolsos, aproximei-me da porta. Examinei o orifício negro. Com o indicador tentei livrá-lo do sujo acumulado. Voltei-me e estudei a mesa, onde o risco de bala mostrava-se mais profundo no centro.

— Curioso...

— O que, rapaz?

— Sempre me contaram as histórias as mais diversas desses dois tiros...

— A verdadeira contei eu. Trabalho do negro. E destinavam-se a mim.

— São marcas muito antigas. Lembro-me...

— Ilusões suas. É serviço recente, e de quem já lhe falei.

— Bom... Está escurecendo...

Marchei para o corredor escuro e deixei-o com seus pigarros. À entrada da cozinha, vi-a junto ao borrarho, imóvel. Os cabelos, já encanecidos, presos por uma fivela de metal.

— O que restou, hem... Por isto não vale mais a pena...

— Mas estamos aqui ainda...

— E não por muito tempo.

Cantei baixinho, assoviei a velha canção. O trinado porém saiu frouxo, quase um sopro. Tentei novamente, e a melodia escapou-me quase toda.

— Prepare-se para deixar esta casa.

— Para onde irei?

Dei de ombros:

— Ele também vai.

— Ele não irá. Nunca irá.

— Este casarão é meu, sabia?

— Vi-o nascer aqui.

— Posso dispor dele como quiser.

Minha não bateu no bolso do paletó, muitas vezes, firme:

— Aqui tenho a prova. Herdei-o. Acenda a luz.

Os dedos, nervosos, riscaram o fósforo e a chama refletiu nos seus olhos sem expressão.

— E para onde irei?

— Não posso preocupar-me com isso...

Via, agora, que os punhos do seu vestido foram de tecido branco, que se gastara até o último fio. Os botões mostravam, nos puintos, o seu metal interior, em rebrilhos provocados pela luz. Passou as mãos nos cabelos:

— Para onde irei?

Irritava-me a pergunta constante. Não contava com ela.

— Vou desmanchá-lo, isto é que sei. Já iniciamos, decididamente. Ele desconfia que é serviço apenas do meu amigo. Mas é trabalho conjunto, começado pela cumeeira, que é o ponto mais alto...

— Os dois...

— Eu e o meu amigo.

— O negro?

— O meu amigo.

— Eu já desconfiava... Sua presença nesta casa, depois de anos...

— Esperava encontrá-lo mais lúcido, porque minha satisfação seria maior. Alucinação diante das velhas marcas de tiro, acidente de há quase um século, amorteceu-me um pouco o entusiasmo. Mas continuaremos de qualquer jeito. Vim para isto, e prosseguirei.

— Que culpa me cabe?

— Não se trata mais de culpa.

— Nunca aprovamos as surras sem motivo. Nenhuma de nós. Deve recordar-se.

— Arranje-se nas vizinhanças.

— Não conheço ninguém além do lago. E os poucos de cá não me darão asilo.

— É uma pena.

— A ele muito menos. Nem quando sofreu a síncope, nas cercanias do lago, surgiu alguém para socorrê-lo.

— Com ele não me preocupo muito. Para você, talvez, se me sobrar tempo encontrarei solução.

— Não peço favor.

— O que, então?

— É meu direito...

— Então arranje-se. Não darei um passo.

Ela ficou a fitar a luz do lampião, braços cruzados ao peito, encurvada e silenciosa. Mostrei-me mais resolutu:

— Ficarão ao relento. Pouco me importa.

Olhei o relógio de bolso, próximo à luz, e a proximidade fez-me achá-la bem mais velha e enrugada.

— Dez minutos. Dez minutos apenas. Nada mais do que isto. Então, eu e o meu amigo continuaremos o trabalho, e com muito mais disposição.

Voltei para a sala, sentei-me e aguardei.

— Você demorou bastante. Fiquei aqui recebendo a aragem da noite, que entra agora não apenas pela porta. Talvez assim esteja melhor, porque de onde estou vejo o céu estrelado.

Ergui a cabeça e o trecho de céu mostrou-se entre as telhas, pontilhado de estrelas.

Ele procurou falar do seu passado, dos meus e dos seus ancestrais, andando de canto a canto da sala, mãos cruzadas às costas. Uma repetição monótona do que eu já ouvira tantas e tantas vezes. Impacientei-me e deixei crescer no peito toda a minha irritação. A conversa sem fim fora uma última oportunidade. Nada poderia ser mais consertado. Apressar-lhe o fim seria muito mais justo.

— Pois foi num domingo, rapaz. Esta casa cheia de gente e eu, claro, à cabeceira da mesa. Dos melhores vinhos, creia. A mesa farta. Repetia isto todas as semanas. Um hábito que herdei do meu pai e ele do meu avô... Pois agora destelham-me a casa, mas tenho pulso ainda para tomar uma resolução definitiva, no momento oportuno.

As palavras caíam monótonas nos meus ouvidos e de irritantes cheguei a considerá-las um insulto. Mas ele silenciou de repente, sentou-se com humildade:

— Estou piorando da vista... Não pude vê-lo com nitidez nem contra a luz clara do dia. Diga-me: como você chegou aqui? Vi-o já sentado nessa cadeira, olhando-me.

Pensei antes numa resposta irônica. Mas levantei-me, avivei o candieiro, voltei a examinar as horas.

— Ele está atrasado...

— Quem?

— O meu amigo.

— Mas diga-me: por onde entrou você aqui? Por essa porta não foi, que passo o dia inteiro olhando através dela, e um vulto, por menor que seja, posso divisar ainda.

— Isto agora não importa.

— Por que?

— Verá.

A corda pendeu do teto e bailou em torno do candieiro, como querendo enlaçá-lo num abraço de reptil. Segurei-a, soqueei-a, olhando para o alto.

— Uma corda?

— Uma corda.

— Para quê?

Ele olhava-a aterrado. Levantou-se e recuou. A cadeira pendeu e caiu, atrapalhando-lhe as pernas.

— Você veio por ela?

O dedo apontava a corda e agora ele procurava descobrir o seu começo, lá em cima. E eu a acariciá-la.

Ela veio da cozinha e pôs-se encolhida e tímida ao ângulo do corredor. Olhei-a e ela encarou-me aflita:

— Para onde irei?

Pensei em respondê-la, pensei em responder-lhe, cheguei a pigarrear para um início de exposição de todo o meu colar de razões. Mas tudo seria novamente recommençado e a noite caminharia sem uma solução.

Trepei-me sobre a mesa e, sem mais pensar, chutei, com máximo de força, o velho candieiro, que se espatifou na parede, junto ao guizo de cascavel, e a chama morreu em línguas rápidas de fogo. Mãos tateantes procuraram me sustentar as pernas. Libertei-me com empurrões e, ágil e seguro, subi pela corda.

Ao atingir o alto da cumeeira, senti no rosto o vento frio da noite. Ele me esperava, sentado sobre o monte de telhas.

— Tirei a prova.

Respirei profundamente a aragem que descia das quebradas.

— Não há mais nenhuma possibilidade... Por isto continuemos.

— Não há mais nenhuma possibilidade... Por isto continuemos.

Sua pele mostrava-se mais luzidia à luz das estrelas.

— Sabe?...

Tirei o paletó e joguei-o para o lado. Demorei-me um instante abstraído.

— Dela sinto pena.

Comecei, decidido, a arrancar as telhas e a jogá-las aos quatro ventos. Ele olhou-me, mostrou-me seus dentes alvos, e imitou-me.



## A busca

Abri-a com cuidado, expectante, pronto para agarrá-la. Emperrada que estava, necessitou de solavancos lentos, apressados, desesperados. Cedeu de uma vez e se mostrou vazia, expondo apenas papeis amarelecidos, enlaçados com uma fita desbotada. Decepcionado, fechei-a, a custo, que aquela gaveta há muito não fora aberta e se emperrara nos encaixes. Mas eu a encontraria. Teria de encontrá-la. Há muito a buscava, e, agora, sozinho no casarão, chegara a hora precisa. Comecei pela gaveta, que era ali que o velho a guardava, vigiando sempre para que não fugisse. Mas certamente ela descera pela perna da mesa, para encolher-se debaixo da cama. Despistei, assoviei baixinho, olhos nas telhas do alto da cumeeira para mostrar desinteresse e, de inópino, joguei-me ao chão e guiei-me, como um lagarto, entre os pés da larga cama, livrando-me, nervoso, das teias de aranha que me embaciavam a vista. Ela estaria ali, como na toca, olhando-me desconfiada. Palpitei por isto. Meu bote foi ligeiro, mas encontrei apenas a perna torneada do móvel e meus dedos doeram com o impacto na madeira. Recuei desalentado e não foi fácil por-me de pé. O suor, em filetes, pinga-pingava-me do queixo. Abrir a janela e respirar o ar fresco seria a solução. Ela porém se libertaria, acuada como estava, ao primeiro raio de luz que entrasse na camari-

nha. Respirei profundamente e minhas narinas sorveram o mofo. Lembrei-me que lá fora, na cadeira estofada e de respaldo dourado, onde o velho cochilara horas a fio, durante anos, haveria de encontrá-la. Ladina ela era, eu bem sabia. Pareceu-me, todavia ver luz escoando sob a porta. Seria do candieiro mortiço, que se avivara sozinho. Estaria, como eternamente esteve, sobre a grande mesa da sala de jantar, passivo, a jogar sombras fumarentas nas paredes. Junto o velho candieiro, a fitá-lo, e deixando o tempo passar, vira o velho quantas vezes, aquecendo-se e a aquecê-la, a mão de dedos longos e trêmulos a acariciar-lhe o couro lúcido. Quem sabe ela estaria lá. Recuei alguns passos o impulso: a surpresa deixá-la-ia paralizada. O encontrão de ombro arrombou a porta. Mas vi-me, para minha decepção, sozinho junto à mesa, a dois passos do candieiro. Fitei a luz, tal qual ele fazia, e de fio sanguíneo ela cresceu em labaredas crepitantes, transpondo-me no tempo para passado distante. Todos brincavam em torno da fogueira, na noite fria e úmida. Os fogos desfaziam-se em lágrimas e a fachada do casarão adquiria outra imponência e crescia dentro da noite. Só ele, no meio do alarido, permanecia indiferente. Com ódio no coração, eu o encarava da obscuridade. Via-lhe o perfil anguloso, sentado no seu trono, e com ela acomodada ao colo, a acariciá-la. Um dia, muito em breve, ele a deixaria vazia, e por direito minha seria a oportunidade. A tosse catarrosa que o acompanhava e que eu a provocava com ingredientes na sua comida, trouxe-me a sucessão mais cedo do que eu esperava. E o lugar vago pareceu-me infinitamente mais amplo aos meus olhos. Para ocupá-lo, e para que a vingança fosse total, era indispensável encontrá-la. Eu a procuraria a vida inteira, se preciso fosse. E agora, que o fio de luz do candieiro se findara num piscar de segundo, deixando-me na escuridão que eu queria, tudo seria mais fácil. Continuaria noite a dentro a buscá-la. Ela tinha suas manhas e o casarão fora construído muito mais para servir de armadilha nos seus mil esconderijos. O sopro frio lá fora, infiltrando-se em lâminas geladas pelas frinças de portas e janelas, que a tarde morria, corroer-me-ia os ossos mas não

me abalaria a determinação. Eu deveria manter a cautela e a paciência. Passo antepasso mergulharia no corredor. Logo lhe sentisse a presença ela de mim não escaparia. A cadeira estofada, com retrós torcido e incrustações douradas, que o primeiro dos antepassados mandara construir, para sentado nela ditar suas ordens e seus crimes, estava lá, no lugar de sempre, à espera de que eu fosse ocupá-la. Respirei fundo, profundamente, neutralizando o desejo de, num rompante, deitar a mão no candieiro que fora uma testemunha valiosa para nada. A partir da posição bem estudada, enpertigado e os dedos na ponta da mesa, recuei, passos medidos e cautelosos. Senti o frio da parede tocar-me as costas e por ela me guiei, dilacerando a roupa para alcançar o quarto onde o velho dormira e conversara sozinho durante invernos e verões. Lá talvez eu a encontrasse, tímida e encolhida, fugindo sempre, e sem apoio, que o seu amo, autoritário como fora, estava soterrado e sendo consumido pelo humus e pelo tempo. E lá, aguçando o tato, me encontrei, e me plantei no centro do quarto agora vazio de móveis, que eu os queimara todos, temendo apenas que ela me subisse pela perna. Minha atenção voltada ao menor cicio para evitar que ela, em desespero, fugisse para uma das mil tocas deste casarão. Procurei-a tateante, lento, indeciso, maldizendo a ela, ao velho e a todos que o antecederam. Nem as paredes, o chão, seus cantos, denunciaram-me qualquer pista. É mais uma vez, e em desalento, recuei muitos passos, entregue e quase vencido. Reagi de pronto, como para me livrar de um pecado. Somente com ela subjugada em minhas mãos firmes, libertar-me-ia de vez do olhar intolerante que me acompanhou tanto tempo. Uma nulidade ele seria, não fosse ela a dar-lhe força, afugentando os que não o conheciam. Por isto com razão remói meu ódio e decidi comigo consertar as coisas. As doses no seu leite foram bem medidas. E quando ele desapareceu sob a última pá de terra, ordenei que todos os parentes também se fossem. Aquela cadeira, impassível e à minha espera, teria, comigo, uma solução definitiva. Nada de meias verdades, tão do agrado dos faustos passados. Fora construída para nela acomodar-se

a decisão e o poder. E se na seqüência dos anos os seus últimos donos detiveram-se mais em libações e torpezas, numa profanação pública do lugar menos indicado, o que me antecedeu, se mereceu o seu fim, pelo menos guardou discreta distância e envelheceu apenas na tosse e na casmurrice, acariciando aquele couro luzidio e ausentando-se de tudo. Talvez por isto o meu ódio, disposto que estava, desde muito jovem, a reabilitar sozinho o que aquelas paredes grossas estavam a pedir. Um sibilar curto e próximo tirou-me da abstração. Dei-me conta de que a cadeira estava ali perto, no centro da grande sala de visitas, voltada para a porta enorme que dava para a amplidão. Mão estendida e passos miúdos tateei, dedos a bailar no escuro. Alcancei o alto do respaldo torneado e alisei-o com carícia. Mas qualquer coisa pôs-me de sentinela e convicto de que fugisse aquela oportunidade e outra igual não surgiria. Ela estava ali, no assento da cadeira, enrodilhada, quem sabe apenas esperando. Antes de agarrá-la com um pulo certo, deveria completar o ato para me convencer de que esta era a minha herança. Sem o menor ruído fui até a porta, abri-a de par em par, e o gemido dos gonzos e a lufada de ar que entrou livre e turbilhonou na sala afligiram-me. Ela haveria de fugir e agora para sempre. Bastaria deslizar ligeiro e ganhar a vastidão sem fim. Maldizendo a minha imprudência, joguei-me furioso sobre a cadeira para alcançá-la no último segundo de sua fuga. Mas encontrei-a flácida e sem nenhuma reação. Apalpei-a bem para me convencer de que a encontrara. Trouxe-a ao colo e, com lentidão, como num ritual, sentei-me na cadeira, encostei a cabeça no respaldo e respirei fundo o vento que entrava livre. Ela acomodou-se mole às minhas pernas e isto me inquietou. Aguardava sensação diferente, não visguenta e repulsiva. Acariciei-a muitas vezes, em estudadas posições, até me convencer de que nem isto me convencia.

Num suspiro de desalento, deixei cair o braço.

## O canteiro

A barra do vestido muito comprido molhada do orvalho da manhã, ela cuidava, com paciência e veneração, o canteiro de plantas variadas. Eu a via passar, em passos lentos, ao longo de todo o corredor, nas manhãs em que levantava mais cedo. E o meu medo foi quase pânico quando, na manhã enevoada, ela deteve-se à porta do meu quarto e ficou a me olhar tempo sem fim. E quando todos se foram por vinte e quatro horas, apenas seus passos, no casarão deserto, reboaram nos meus ouvidos. Nas noites de verão, sentava-se à varanda e o embalo da cadeira entrava pela noite. Se os enxurros, descidos das calhas, aumentavam de volume, detinha-se neles com os pés descalços até que o último fio d'água corresse e deixasse apenas a terra encharcada. Por isto quanta vez delirava em febre alta e a aflição de todos aumentava a minha aflição. Nem nas noites estreladas levantava os olhos para o firmamento. A linha pouco aquém do horizonte, onde se desenhava o contorno da cordilheira, era dali sempre que esperava. Às vezes horas sem fim, até que a mansuetude fosse quebrada apenas pelo pio das aves noturnas, nas cercanias do lago. A espera, todavia, nunca a fez esquecer dos miosótis. E nos dias cálidos, o sol a reverberar como lâminas, afligia-se e andava em torno do canteiro, a apertar as mãos. E quando anoitecia, retornava para a mesma penitência em volta da mesa e para encarar-me mais uma vez aflita. Se cantava à janela, ao pentear-se, não

permitia que fosse surpreendida. E se o vento desmanchava-lhe o penteado, abandonava o pente no colo e ficava a acariciá-los. Até que lhe pusessem a mão no ombro, para que nela recostasse o seu rosto. Era quando, quase sempre, olhava tristemente para os carneiros que dormitavam no relvado.

II

— Não é fácil a cura.

O homem, de cabeleira e bigodes brancos, apoiou o braço no encosto alto da cadeira, acariciou um instante a corrente grossa do relógio, encarou o médico:

— Já desconfiava.

— A mulher mostrava-se desalentada, mãos caídas no colo. E o médico, a escrever no bloco de papel, sugeriu:

— Melhor interná-la.

— O senhor acha?

— Certamente.

Parou um instante, olhou para o homem de cabelos e bigodes brancos por cima dos óculos de aro:

— Nunca a examinaram, antes?

— Nunca,

— Um erro.

— Mandei chamar-lhe por insistência dela. Desculpe-me, mas não creio nesses remédios. Acabei concordando.

Olhou para a mulher num gesto de repreensão.

— Creia-me; não acredito...

O médico encolheu os ombros:

— Paciência...

Voltou a escrever. Parou mais uma vez, e desta para por cima dos óculos, olhar para a mulher, sentada a poucos passos. Terminou o que escrevia com rapidez:

— Isto ajuda. Mas insisto: convém interná-la.

— Não meto filha minha em hospital de loucos.

— O trauma se deu aqui. Convém afastá-la.

— Não permito.

— O senhor é quem sabe. A filha é sua.

Fechou a maleta, pôs o chapéu, apertou a mão da

mulher, curvou-se para o homem de cabelos e bigodes brancos e saiu.

A mulher, sem uma palavra, retirou-se para a camarinha. Ele ficou sozinho na sala. Depois aproximou-se da porta de fora e pôs-se a olhar a vastidão dos campos. Correu a vista por todo o horizonte e deteve-se longamente voltado para a cordilheira, que se escondia um pouco na neblina.

Depois fechou a porta e caminhou pelo corredor, mãos às costas e olhos postos no chão.

### III

Ele chegara na noite de temporal. Batera muitas vezes na porta e quando foi atendido pediu pousada. O animal, na obscuridade, a soltar relinchos curtos, e sua barba de muitos dias, meio encoberta pelas abas caídas do chapéu e da gola alta do paletó, mostravam que a caminhada fora grande. Quando lhe perguntaram quem era disse um nome. Quando lhe perguntaram de onde vinha, estendeu o braço em direção à cordilheira. Então lhe deram agasalhos secos, refeição e um quarto acolhedor. E quando, na manhã seguinte, o sol, no nascente, revelava que as nuvens se foram de todo, ele de barba feita escovava o seu belo animal. Aos que, curiosos, perguntavam-lhe o nome, repetia o mesmo da véspera. E aos que, curiosos, perguntavam-lhe de onde vinha, estendia o braço em direção da cordilheiras. Exibiu-se no animal em corridas pela pradaria. E quando ela, menina ainda, pediu-lhe alegre para levá-la em passeio, todos deixaram e ele concordou. A demora trouxe a apreensão e a aflição depois. E com o passar das horas as ordens de busca foram se multiplicando. Até que a tropa imensa, com o homem de cabeleira e bigodes pretos à frente, encontrou-a. O que ele viu, o que todos viram, encaneceram-lhe em pouco tempo os cabelos. De nada valeram as recompensas e a caça sem fim, em todos os quadrantes, em todos os socavões da cordilheira.

A mulher corcunda, perna dura e pés metidos em coturnos grossos, coava com lentidão o café:

— Devia permitir. Maldade deixá-la neste abandono.

Embrulhado na manta olhei, pela porta da cozinha, a névoa muito alva que cobria as árvores:

— Ele é o pai. Resolve.

Ela mexia em louças. A chama que saía do fogão aquecia o ambiente gelado. E vi que a manhã nevoenta continuaria escura até muito tarde. Ela passou as mãos nos cabelos grisalhos e munuiu-se de uma vassoura para recolher a cinza do borralho:

— Estou neste casarão há muitos anos. Vi-a nascer.

— Sei disto.

— Não é a tragédia que mais o incomoda.

— Desconfio.

— O monstro escapou-lhe, apesar de todas as buscas e recompensas.

— Sei.

— Por isto seus cabelos ficaram brancos.

Uma rês surgiu da névoa e parou ali fora, a poucos passos de mim, olhando-me curiosa. Retomou, em seguida, a sua caminhada e desapareceu como por encanto. Aproximei-me do fogão para melhor livrar-me do torpor do frio. A chama crepitava em estalos secos. Ela agora acumulava louças, empilhava-as com muito cuidado:

— Com a névoa ela não se retira do quarto.

Olhei para o escuro do corredor, expectante, mas sabia que em dias assim ela não atravessaria a porta da cozinha para visitar o seu canteiro. Sentei-me no banquinho baixo, junto ao fogão:

— Assisti a conversa dos dois.

— De quem?

— Dele com o médico.

— Já sei de tudo.

— Uma coisa não compreendo...

— O quê?

— O canteiro.

— O que tem?



— Por que permitiu ele?...

— Todos o censuram por isto.

— Podiam falar-lhe. Estaria melhor no cemitério.

— E quem ousaria?

A névoa aproximava-se da porta, pronta a entrar no casarão e invadir todos os seus cômodos.

## V

E quando a névoa caía densa, ela não se retirava do quarto.

E quando a torneira do pomar soltava o jorro cristalino, torcia a rosca para que corresse apenas um fio e, nele, banhar o seu dedo.

E quando o canário, preso na gaiola, debatia-se no feixe de luz, alisava uma das taliscas com o polegar e o indicador.

E quando a chuva tamborilava no telhado, com a ponta do pé contava os ladrilhos.

E quando os patos, vindos da lagoa, grasnavam em debandada, batia palmas.

E quando o administrador descia do cavalo para prestar contas, detinha-se bem segura ao portal, um lado do rosto apenas em observação.

E quando o canoeiro tirava o seu chapéu, no respeitoso cumprimento, depois da pescaria no lago, acompanhava-o com a vista até que se perdesse no horizonte.

E quando o padre, breviário ao peito, transpunha a porta da sala, recuava muitos passos, instintivamente.

E quando os insetos, nas noites de inverno, giravam tontos em torno da manga luminosa do lampião, acompanhava-lhes os gestos com bailar de dedos.

E quando os miosótis murchavam, afligia-se diante de todos.

E quando os negócios estiravam a conversa até muito tarde, no escritório, sussurrava baixinho a mesma canção.

E quando o cordeiro balia no campo, mostrava nos lábios a sua alegria.

E quando a mulher trazia-lhe a sopa, balançava a cabeça dizendo que não.

E quando no relvado o menino corria, enrolava nervosa o cabelo nos dedos.

E quando piavam as almas-de-gato, procurava por elas sem as encontrar.

E quando, enfim, passava o forasteiro, aproximava-se da varanda e ali permanecia, longo e longo tempo, os olhos voltados para o rendilhado de cordilheiras, lá no contorno do horizonte.

## VI

Os trovões longínquos aproximaram-se, vindos do nascente, e o céu se cobriu de chumbo. O vento forte vergava as árvores, portas e janelas foram fechadas e todos procuraram se abrigar. Pingos grossos caíram como prenúncio do que viria logo depois. E quando o estalo mais seco e luminoso reboou por todo o casarão, a água, em lufadas, varreu o telhado.

Tranquei-me no quarto e esperei as horas passarem.

Sentei-me na velha arca. Depois acendi a vela, que a escuridão, chegada de repente, era muito grande. Em frente, na parede, presa em atas de couro, a velha adaga, que fora dos antepassados. E a mulher do retrato, os altos babados a cobrir-lhe quase o rosto, os cabelos presos à nuca, guardava uma expressão de perpetuidade. Correra, certamente, aqueles corredores e quartos e dera ordens que foram cumpridas. Detivera-se, por fim, naquele canto escuro, no alto da parede, sozinha e não muito lembrada, mas sem perder em nada a mesma tranqüila autoridade.

Divisei, pela frincha da janela, que a claridade voltara lá fora. Soprei a pequena chama e escancarei a janela. O ar fresco e o cheiro de terra molhada inflamaram-me os pulmões. Fiapos de nuvens brancas corriam no céu, mas a água, acumulada, caía em pancadas da boca-de-jacaré e corria em filetes grossos, numa enxurrada, para a baixada. Acompanhei-lhe a corrida, mas detive os olhos a meio caminho, perto da árvore, onde os fios d'água serpenteavam.

Ela ali estava, pela primeira vez nua, os pés no barro mole, a água a dançar-lhe nos tornozelos.

Pular a janela, com o agasalho. Chamar alguém. Minha irresolução teve fim quando vi a mulher corcunda, com o difícil andar, envolvê-la com o manto azul e trazê-la com paciência para casa.

## VII

A mulher, na cadeira de braços, lenço na boca, soluçava baixinho. A corcunda, encolhida à parede, observava. O homem de cabelos e bigodes brancos conversava com o médico.

Da semi-obscuridade do corredor surgiu o padre, de alva e estola, vinha do quarto. Pôs-se na frente de todos a ler silenciosamente o breviário. Depois fechou o livro, encarou-nos como descobrindo-nos de repente, e suspirou. Aproximou-se da mulher que chorava e pôs-lhe a mão no ombro.

Sentei-me numa ponta de cadeira, mãos presas entre as coxas, e esperei.

O médico voltou para o quarto e o homem de cabelos e bigodes brancos olhou-nos um por um!

— É bem melhor para ela e para nós todos.

O padre olhou-o sem compreender. E ele foi mais preciso:

— A pneumonia é muito forte... Se acontecer, todos lucraremos, ela inclusive...

Retirou-se, em passos firmes, para o escritório, e ficamos nós sem solução. O cochilo apanhou-me, que eram tardas as horas. Mas o canteiro estava coberto de boninas, açucenas e miosótis, que ela os colhia, com muito cuidado, para depô-los no monte de terra mais alta, sem nenhuma cruz. Procurei ajudá-la, mas veio a mão e me susteve pelo ombro.

Olhei em torno. Apenas o padre, ali ao meu lado e soluços de choro vindos do quarto.

— Pode ir vê-la, filho.

Andei alguns passos, indeciso.

— Por que?

— Todos estão lá. Vá vê-la.

Na sala de visitas, poucas pessoas. Dali da cozinha, onde me encontrava, via lá fora o caixão azul cercado de castiçais. A mulher corcunda, voltada para o fogão, não dizia palavra. E eu me sentia muito preso na roupa pesada e escura. Temia que ele me viesse chamar.

— Não quero vê-la.

A mulher corcunda avivou o fogo:

— Pois não vá vê-la.

— O padre ontem insistiu. Não tive coragem. Nunca terei coragem. Nem vou ao enterro. Depois, poderei cuidar-lhe do canteiro. Ela gostaria.

— É o segundo sacrilégio.

— O que?

— Enterrá-la no mesmo lugar onde enterrou o menino.

— Ele tem suas razões.

Ela mostrou-se revoltada e foi sentar-se, arrastando a perna, na cadeira velha, no canto mais escuro da cozinha.

— Pensam que eu acredito...

— Em que?

— O menino... Não morreu. Juro. Foi ele.

— Não fale isto.

— Que culpa teve ela?...

— Não é hora.

A mulher de mantilha, lá fora, ajeitava as flores no caixão e conferia, uma por uma, as luzes das velas.

— Ele continua trancado no quarto?

Ela passou a pentear os cabelos, o mondrongo, às suas costas, destacava-se enorme:

— Continua. Pois foi ele... O seu ódio ao crime do homem das cordilheiras, porque não pôde agarrá-lo, levou-o a odiá-la desde o início da gravidez... Creia. Foi ele.

— Não jure. Não tem provas.

Levantou-se da cadeira e, capengando, saiu corredor a fora, em direção à sala de visitas. Eu fiquei ali sozinho e enfurnei-me mais ainda no escuro da cozinha.

E senti então a ausência dos passos dela, andando com lentidão pelo corredor.

## IX

Depois que o tempo amainou e a claridade da manhã brilhou nas gotas d'água, tomei a resolução. A mulher corcunda sabia da minha decisão, mas não disse uma palavra.

Atravessei a porta da cozinha e contornei o pomar. A vereda era curta, entre samambaias. E surgiu-me ali, a poucos passos, o canteiro que ela cuidara com tanta veneração, e sob o qual, não mais sozinha, há dias repousava.

A escavação descuidada e as chuvas transformaram-no num monte disforme de terra revolta. Murchas ou mortas as boninas, as açucenas, os miosótis.

Eu, porém, o reviveria, e poria planta por planta em cada lugar. E quando o sol, reverberante, caísse sobre ele como uma maldição, eu o cobriria com plataforma de palhas. E quando as chuvas caíssem incessantes como uma desgraça, eu poria anteparos e construiria valetas, desviando as águas para muito longe. Mas as boninas, as açucenas e os miosótis, viveriam eternamente.

Pus-me resoluto a revolver a terra, prepará-la devidamente. Com cuidado, colhi as plantas ainda vivas e enfileirei-as.

Então descobri que alguém assistia o meu trabalho e minha vista subiu curiosa das botas de couro áspero ao seu rosto com barba de muitos dias, meio encoberto pelas abas caídas do chapéu e da gola alta do paletó. O animal castanho, bem ajazado, pisoteava próximo.

— Posso ajudá-lo?

Perguntei-lhe como se chamava e ele me disse um nome. Perguntei-lhe de onde vinha, e ele estendeu o braço em direção à cordilheira.



## O médico

Encostou-se à porteira, o queixo esmagado nos punhos:

— Calma.

O vaqueiro procurava derrubar o novilho.

— Derrube-o com jeito.

O braseiro, ali perto, para a marca, e a manada de novilhos deixando pouco espaço livre.

— Traga-o com calma. Isso.

Assistia a ferra das novas reses, apoiado sobre o pau da porteira. O suor corria-lhe em filetes pelo rosto, afunilava-se na ponta do queixo, espraiava-se nas munhecas.

Empertigou-se, lento, afrouxou o cinto e soltou cavo arrote.

— Azia dos diabos!

Queimava-lhe tanto que saíam faiscas dos olhos.

— Arre.

Melhor retornar ao vento bom do alpendre, para o embalo, o pé a dar coices na parede.

— Trabalhe com calma. Vou subir.

Saiu no passo lerdo, sufocado com o calor. Subiu a ladeira com respiração asmática. O arrote alcançou-o no trecho mais ingrime, o fogaréu subiu buscando alívio na boca, nas narinas, nos olhos.

— Meu Deus.

Alcançou a rede como quem alcança a salvação. Estirou-se lento, num estralejar de ossos. Com o dedo do pé deu o impulso no reboco sujo, a rede balançou, e ele

ficou a fitar o urubu em volteios lá muito longe, no céu sem nuvens.

A viração varria as folhas secas e farfalliava a velha ingazeira.

A preta velha veio lá de dentro, arrastando as pernas inchadas, justamente quando o cochilo descia-lhe as pálpebras.

— Visita, doutor.

Pensou em desculpa para não recebê-la, mas reagiu, como sempre fizera.

— Mandé entrar.

Meio minuto após viu, através o enrendilhado da varanda da rede, um vulto encarquilhado, braços cruzados ao peito, em perfeita contrição.

— O que deseja, minha velha?

— Doutor, sinto uma dor muito grande aqui do lado.

— Desde quando?

— Há dias...

— Não é nada.

— Acredite o senhor: nem posso respirar.

— Pois não respire.

Sentiu, aflito, a impropriedade da resposta, procurou ser mais cortês e jogar para longe o aborrecimento.

Escondendo a preguiça, sentou-se na rede e encarou a velha de frente. Pequena, emurchecida nos ossos. Em tempo, sufocou uma ponta de pena.

— Onde doi?

— Aqui.

As mãos trêmulas e nervosas dirigiram-se tateantes à altura do estômago e ficaram ali, paradas, para que o doutor pudesse bem gravar o lugar exato.

— Azia, minha velha?

— Não, senhor.

— Ainda bem.

Sem levantar-se, tocou com as pontas dos dedos o corpo da mulher, rápido, num arremedo de exame.

— Não é nada

— Mas doi...

— Fique certa, não é nada.

— Mas...

— Algum mal jeito, certamente.



— Doutor, não...

A cólera chegou rápida:

— Tenho certeza.

Mandá-la para o inferno, para o diabo. Quem haveria de ser aquela mulher, pele e ossos, para contestar-lhe o diagnóstico! Vontade súbita de levantar-se e gritar-lhe que era formado, diploma na parede da sala, um dos primeiros da turma. “Um dos primeiros, ouviu?! Um dos primeiros!”

Apenas pigarreou e somou a isto uns restos de arroteo, que subiu curto e queimou o seu tanto.

— Ai...

A mulher olhou-o curiosa.

— A senhora conhece alguma coisa contra azia? Conhece?

— O que?...

Mudou, rápido:

— Ora, minha senhora, não se aflija... Pelo meu diagnóstico...

Discurso tolo. Ergueu-se, empertigou-se, procurou reencontrar a antiga linha. Mas sentiu somente uma grande frustração e vontade de deitar-se novamente e dormir, dormir.

— A senhora tomou algum remédio?

— Chá...

— Ótimo.

— Apenas chá.

— Continue.

— ...

— Continue. É santo remédio. Se não sentir melhora, volte aqui.

— Doutor...

— Boa-tarde.

A velha desapareceu como uma sombra e ele estirou-se na rede, com todo o corpo, largado, indiferente a tudo.

Deu o impulso com violência e a rede aumentou o balanço. O gemido dos gonzos provocou-lhe irritação. Virou-se e revirou-se. O cochilo, que viera de manso, antes da visita, fugira de todo.

— Diabo.

Cobriu os olhos com o antebraço, mas retirou-o ligeiro para conduzir a mão ao estômago. O fogo miúdo cresceu, explodiu na boca através do som prolongado e cavernoso.

— Que azia, meu Deus!

Levantou-se, meio tonto, balançou as pernas e respirou fundo para se livrar do ardor medonho.

Chamou alto a criada.

O silêncio de um segundo foi uma eternidade. Gritou mais forte.

O arrastar de chinelas trouxe a carapinha esbranquiçada e dois olhos assustadiços ao ângulo da janela.

— Senhor?

— A surdez aumentou, não?

— Ouvi da cozinha.

— Estou chamando faz uma eternidade...

— Ouvi...

— Quero água.

Dirigiu-se à sala, acomodou-se à cadeira de balanço, mão espalmada sobre o estômago. Correu indiferentemente a vista pela fileira de retratos austeros e bem postos na parede. O de vasto bigode atraíu-o e jogou-o à reminiscência distante, anel no dedo, cartucho sob o braço, muitas palmas. “O senhor desculpe, meu pai, mas meter-me naquele casarão não é para mim”. “Muito gado”. “Não sou fazendeiro”. O almoço farto, a mulher de mantilha preta e óculos de aro a abraçá-lo, lágrimas nos olhos.

— Não sou fazendeiro.

— Hem?

Descobriu a velha, ali perto.

— Nada. Trouxe a água?

A mão de dedos sujos estendeu o copo:

— Pronto.

— Por que não reagi?...

Pigarreou com sonoridade e despistou:

— Calorão, hem.

Bebu dois goles lentos e sentiu, de imediato, que eles não apagariam, antes contribuiriam para avivar aquele fogo que o perseguia há muito tempo.

Devolveu o copo e seus dedos tocaram os dedos da

preta. Sensação táctil de dedos finos e afilados, de uma mão rosada, que pousou nos seus cabelos, afagou-os.

— E acabei não me casando...

— O senhor falou?

— Pode ir.

Voltou a encarar o retrato e ele rodopiou dentro da bruma. Afunilou-se até o infinito e viu-se então sozinho, no centro da larga sala, fechadas todas as portas e janelas. O grupo veio pelo corredor, em conversa tumultuada, cirandou de mãos dadas em torno dele. O homem de vasto bigode segurou-o pela cintura, a mulher sufocou-o com a mantilha, e uma pequena mão rosada, como uma centopeia, cravou-lhe as unhas no estômago. Com esforço sobrehumano conseguiu libertar-se, o suor a correr em bagos pelo corpo, o estômago a contrair-se de dor.

— Que sonho...

Foi à janela, abriu a camisa e recebeu no peito a aragem morna. Lá longe, na baixada, o gado, preso no cercado estreito, movimentava-se irrequieto.

Algo mais que um simples arrotto subiu-lhe do estômago. Debruçou-se à janela, baixou a cabeça e jogou fora a água há pouco bebida.

Com as costas da mão limpou a boca, esfregou-a a seguir na calça. Assovio murcho, mãos cruzadas às costas, bem plantado nas pernas abertas, correu a vista lentamente pelo horizonte. Nunca a imponência estudada, repetida tantas vezes, à mesma janela, trouxera-lhe uma ponta de entusiasmo. Repetia-a agora, para decepção maior. A sensação de dedos pousados no ombro: “É tudo seu, filho. É tudo seu”.

Acariciou o queixo, apalpou lentamente o rosto em busca de rugas. E as unhas tamborilaram nos dentes, repetindo o cacoete antigo, para ritmar a abstração. Os olhos pousados nas palhas secas que remoinhavam na poeira.

— Terminei.

Abotoou-se apressado, pegado que fora de surpresa pelo vaqueiro, ali à entrada do alpendre:

— Terminei.

— Sei.

- Solto?
- Solte.
- Todos?
- Todos.
- As crias, também?
- Faça como quiser.

O vaqueiro descia a ladeira em passadas rápidas e firmes e ele, por um instante, invejou aquela agilidade.

Retornou ao centro da sala, levantou os olhos até a cumeeira e num rodopio lento passou em revista todos os caibros. Em novo rodopio, revistou os retratos. Caminhou outra vez para a rede. Para ela sempre caminhara, como uma fatalidade, ano após ano. Nela atendera os poucos clientes e vira a fazenda subsistir às enchentes e às secas. Nas cheias, as enxurradas desciam em filetes ladeira abaixo. E o mais volumoso alcançou-o e envolveu-o, entrando-lhe pela garganta. Ficou a rodopiar no estômago. Comprimiu-o com as mãos e o rodopio fragmentou-se em fagulhas.

Abriu os olhos, lentamente, saindo do torpor do pesadelo. Pontadas agudas e ardor no estômago.

Andorinhas, em razante, debandavam, fugindo da escuridão.

Levantou-se procurando esconder o rítus de dor.

— O lampião!

Atravessou o longo corredor escuro, apoiando-se à parede.

— O lampião!

A preta velha avivou a chama e o metal brilhou no centro da mesa.

— Que horas são?

— Senhor?

— Perguntei as horas.

— Mais de seis.

Sentou-se, segurando-se aos braços da cadeira.

— A canja está pronta.

— Não quero canja. Faça-me um chá.

— De canela?

— De qualquer coisa. Um chá, apenas.

Cruzou as mãos e deixou-se estar ali, à cabeceira. A mesa enchera-se, algumas vezes. E iniciara até, no

princípio, conversas com muitos projetos. Mas os meses encarregaram-se de isolá-lo ali na cabeceira, cercado de cadeiras vazias.

Animais pisoteavam próximo e o som cavo ampliava a mansuetude do casarão.

A azia desaparecera de todo. Deixara apenas agulhadas rápidas e intermitentes. Examinou as palmas das mãos, os dedos, as unhas. E com os olhos postos na chama, tamborilou nos dentes, ritmando a abstração.

As mãos trêmulas mantinham, com prudência, a xícara no centro do pires:

— O chá.

— Ponha-o aí.

— De ervas.

— Obrigado.

Soprou-o muito, antes dos primeiros goles.

Caía no estômago como um sedativo e surpreendeu-se por isto. E o arroto que se seguiu ao último gole, aliviou-o de gases e sentiu-se bem.

A preta velha encostou-se à parede:

— Não comeu nada, hoje.

— Não posso.

— Um pouco de canja.

— Nem isso.

— Não pode passar sem come.

Cortou a insistência empurrando a xícara para a ponta da mesa:

— Leve isto.

Ela marchou para a cozinha e recebeu a nova ordem antes de alcançá-la:

— Traga-me o gamão! Ele não deve demorar.

As agulhadas no estômago transformaram-se em latejos, como pulsações. Acariciou-o demoradamente. A seguir, levou dois dedos à boca e ficou a tamborilá-los nos dentes, mantendo o ritmo da abstração. Os latejos, no estômago, espaçavam-se. Assim sentira, pela primeira vez, meses atrás: pulsações longínquas, como ecos das batidas do coração. E quando os sintomas se definiram, olhou-se ao espelho, examinou a língua saburrosa, a calva que se pronunciava, os primeiros fios de cabelos brancos, e se resignou.

— Pronto.

A preta velha punha sobre a mesa, à sua frente, com cuidado, o tabuleiro e as peças.

— Obrigado.

Ficou a arrumá-las, a dispô-las nos lugares certos.

As palmas, lá fora, reboaram pelo casarão e ele ordenou:

— Entre!

Os passos, no corredor, eram duros e multiplicavam-se em ecos.

Enquadrrou-se na entrada da sala de jantar e ele não levantou a cabeça para recebê-lo.

— Sente-se.

Sentou-se li ao seu lado, pôs o chapéu sobre a mesa, junto ao lampião, e esperou. Ele mexia as peças, lentamente. O visitante cruzou as pernas magras:

— Como vai a saúde?

— A mesma.

— E a azia?

— A mesma.

O visitante calou-se e esperou. E ele, as peças já bem dispostas, encarou-o nos olhos:

— Perdi ontem e tenho perdido sempre para você. Espero ganhar hoje.

— Então começamos?

— Começamos.

— Dê-me os dados.

A seqüência de lances e de mãos que batiam o copo e deslocavam peças com agilidade desenhavam sombras de pianistas na parede.

Uma mão parou, bem segura no copo emborcado, e a outra foi de encontro ao estômago:

— Um momento. A dor voltou.

O visitante cruzou os braços e balançando a perna, esperou.

A dor afunilava-se do estômago aos intestinos, alcançava a espinha, e por ela corria até a cabeça. Latejava nas têmporas e repercutia no fundo dos olhos.

— Dor cruel, meu amigo.

— Descanse.

Encostou a testa na borda da mesa e o frio que sentiu, provocado pelo contacto da madeira, foi um alívio e um lenitivo.

— Está passando.

— Espero.

Recolhia-se como um punho fechado, mas o peso deste era uma presença constante dentro do estômago.

— Passou.

— Continuamos?

— Continuamos.

— Jogo eu.

— Claro.

Os dados foram jogados sobre o tabuleiro e o médio e o indicador deslocaram peças com rapidez. A preta velha aproximou-se e perguntou se ele desejava alguma coisa.

— Pode recolher-se. Boa noite.

Ela saiu arrastando as pernas inchadas pelo corredor escuro e o chiar dos seus pés perdeu-se no fundo do casarão.

— Vou ganhar novamente.

— Tudo indica.

Apenas o zunir do vento, lá fora, e a batida dos dados no tabuleiro. E, vez ou outra, a presença de animal ao lado da casa.

A dor veio voltando, o punho fechado, dentro do estômago, abrindo os dedos como garras de fogo. Suspendeu o jogo e abraçou-se a si mesmo:

— Ela outra vez.

— A dor?

— A dor.

O visitante descansou o copo com os dados sobre a mesa, trouxe o lampião mais para perto, estudou-lhe o rosto contraído:

— Tem piorado, não?

— Muito. De ontem para cá o meu sofrimento tem sido atroz. Quando não a dor, a azia.

— Hospitalize-se.

— Não adianta.

— Talvez adiante.

A dor, ao atingir-lhe a cabeça e o fundo dos olhos,

cegou-o por um instante. O lampião fugiu até a linha do infinito e com lentidão veio voltando, e pôs-se ali no mesmo lugar. Ele respirou fundo e sentiu que filetes frios de suor desciam das axilas.

O visitante, jogo esquecido, a observá-lo, brincava agora com o chapéu:

— Melhorou?

— Melhorei.

— Melhor suspendermos. Venho amanhã.

— Está certo.

O visitante preparou-se para sair e ainda insistiu, rodando o chapéu nos dedos:

— Procure um hospital.

— Sou médico. Conheço isto. Não adianta.

— Boa-noite, então.

— Sente-se.

Segurou o visitante pelo braço e forçou-o a obedecer:

— O seu interesse é a fazenda.

— Jogo para distraí-lo.

— Compreendo o seu interesse: é justo. Pois eu a vendo.

O visitante mostrou-se interessado na conversa, cruzou e descruzou as pernas, pupilas buliçosas:

— Quanto quer por ela?

— O preço que você achar justo.

— Em que condições?

— À vista.

O chapéu corria de uma mão para a outra:

— Talvez eu não possa à vista.

— Só à vista. E amanhã.

A mão correu nervosa pela cabeça, coçou o queixo, soltou o chapéu sobre a mesa, apanhou-o outra vez e ficou a amassá-lo:

— Vou tentar.

— Pois tente. Entrego-a com tudo.

— Como tudo?

— Saio apenas eu, e não levo nada.

O visitante olhou-o desconfiado e deixou o chapéu abandonado nas pernas. Mas ele encarou o visitante firme nos olhos e então não teve mais dúvidas.



- Então volto amanhã.
- Traga o tabelião. Quero amanhã tudo resolvido.
- Pagarei o preço justo.
- Acredito.
- Adeus.
- Adeus.

Os passos do visitante perderam-se ao longo do corredor e ele ficou sozinho, livre de dores, depois da resolução tomada. Juntou as peças, com muito vagar, empilhou-as. O punho fechado dormia dentro do estômago. Passou os dedos no rosto, examinando a barba já crescida. Depois eles caminharam para a boca e tamborilaram nos dentes, cadenciando a sua abstração. Ela sorriu por trás da chama do lampião, acercou-se dele e pôs-se a acariciar-lhe os cabelos. A manhã era de muita luz, e desceram abraçados a ladeira íngreme. Enlaçou-a ao pé da jaqueira e o beijo selou uma promessa definitiva. Mas a mão deu sinal de vida, abriu-se num protesto, tirando-o da abstração. Invadiu-lhe as entranhas como uma centopéia, subiu pela espinha, explodiu na frente e queimou no fundo dos olhos. Por um instante sentiu-se leve e solto no espaço. Desceu ao fundo do poço e dêle não saiu.

Uma réstia de luz por baixo da mesa, a atingir-lhe os pés, deu-lhe conta de que era dia e ali dormira a noite inteira, debruçado sobre a mesa. Concentrou a atenção e descobriu que o punho, no estômago, se fechara tanto que chegara ao tamanho de um pequeno caroco.

A preta velha aproximou-se sem que ele notasse:

— O senhor está melhor?

Levantou-se sentindo dores da posição prolongada, abriu a porta e respirou o ar fresco da manhã.

— Dormi a noite toda, aí sentado.

— E o estômago?

Apalpou-o demoradamente. O mesmo exame táctil de todas as manhãs:

— Parou de doer de repente. Mas ele não me engana.

— Efeito do chá.

Deu novas ordens, mudando de assunto:

— Recolha isto. Ponha a mesa em ordem.

Ela apressou-se em atendê-lo e ele ficou a girar em torno da mesa imensa, a acariciar o respaldo alto de cada cadeira. Deteve-se atrás da que estivera sentado e olhou-as todas em conjunto. Marchou depois para o banheiro, trancou-se e olhou-se longamente ao espelho, examinando os fios de cabelos brancos, a calva que se pronunciava, a língua saburrosa. Só agora se dava conta da moleza que sentia em todo o corpo. Examinou o pulso, pôs a mão na testa e convenceu-se de que a febre fora alta. Os dedos tremiam quando abriu a navalha para fazer a barba. A reação foi brusca ao pensamento de que e a solução poderia ser encontrada num segundo. Fechou a navalha e esperou. Voltou a abri-la e, com muita calma, passou a barbear-se. Mas foi com grande sacrifício que conseguiu escanhoar-se bem, e sacrifício maior banhar-se e mudar de roupa. A fraqueza levava-o ao desalento total.

Agora à cabeceira da mesa, ao olhar o café e os bolos de goma, a reação do fastio foi tão forte que o caroço no estômago ampliou-se e ele teve medo que alcançasse o tamanho de um punho fechado.

— Pode levar. Não tenho fome.

Ela reagiu, quase em defesa:

— Precisa comer.

— Faça-me um chá. Um chá, apenas.

— Precisa comer.

— Leve.

A velha chegou-se à mesa e ele participou-lhe a decisão:

— Dispeço-a hoje.

Ela recuou alguns passos e voltou a encostar-se à parede.

— Fico só. Preciso ficar só.

— O senhor vai viajar?

— Faça-me apenas o chá. Deixe tudo como está. Prepare-se e volte para a casa do seu filho.

Ela não se moveu. Cruzou as mãos ao peito e ficou a olhá-lo. Ele então encarou-a de frente, virando com sonoridade a cadeira:

— Hoje.

Ela não teve mais dúvidas. Recolheu às pressas a louça e arrastou as pernas em direção à cozinha. Ele insistiu:

— Hoje!

O caroço no estômago crescia e a pontada de dor, longínqua, confundia-se com o chilrear dos pássaros. Trinados sonoros, na árvore copada, ao pé da qual ele esperava nervoso a confirmação da notícia. O homem desceu do animal, tirou o chapéu, e confirmou, quase numa reverência: “Casou-se.” “Verdade?” “Verdade”. Sentou-se ao tronco da árvore, cabeça baixa sobre os joelhos, sentindo por ela um ódio mortal. “Está bem. Acontece”. O homem retirou-se e lhe veio súbita vontade de chorar. A picada forte, no estômago, fê-lo abrir os olhos e ver a xícara de chá que a preta velha punha sobre a mesa.

— Como estará ela...

A preta velha quedou-se na posição de sempre, junto à parede.

— Esta sonolência não me engana.

— O senhor falou?

— Quero apenas que prepare suas coisas e deixe esta casa. Leve o que quiser em pagamento. Há muitos objetos de valor. Muito obrigado por tudo.

— Não quero nada.

— Dinheiro não tenho.

— Não quero nada.

Deu de ombros e com lentidão bebeu todo o chá. Estendeu depois a xícara vazia à preta velha, sem encará-la.

— Muito obrigado. E pode ir. Agora.

Dirigiu-se à sala de visitas, pendurou a rede nos gonzos com dificuldade e nela se estirou. Dominou-o uma intermitência de sonolência e pontadas agudas no estômago. Despertou de todo quando o vulto da preta velha acercou-se da rede:

— Já vou.

— Obrigado por tudo.

-- O senhor deseja alguma coisa?

-- Nada. Adeus.

Os primeiros sinais da azia vieram com o arro!

que lhe trouxe à boca o gosto do chá ingerido. E o corpo ampliara-se ao tamanho de um punho fechado caído dentro do estômago, silencioso.

As pancadas na porta poderiam ser do vento ou do vaqueiro, chamando-o. Ou ainda da velha encarquilhada, para nova consulta. Eram certamente do homem de chapéu de abas grandes, barba fechada. Recebera-o ali na sala e o visitante não tivera rodeios: “Seus pais morreram”. “Como?” “Desastre”. “Quando”? “Hoje”. A dor aguda fê-lo abrir os olhos. Certamente já correram muitas horas. Os ruídos, lá fora, davam-lhe conta de que a tarde logo mais viria. A azia, agora forte e torturante, era uma prova disto.

Sentou-se na rede e o esforço para isto fez com que se diluísse um pouco o bolo no estômago. E ao abrir a boca para se libertar de gases sentiu que o esfôgado queimava em brasa.

— Meu Deus.

Levantou-se e, por um minuto, sentiu-se novo e disposto. Trocou alguns passos com agilidade. Mas quando atingiu o corredor, o ligeiro desmaio fê-lo amparar-se à parede. Foi à cozinha e viu tudo bem disposto e guardado. Um misto de pena e saudade da preta velha. Voltou e entrou em todas as peças do casarão, como se as visse pela primeira vez. Ao olhar-se ao espelho, a azia queimou-o como larva e de seus olhos desceram lágrimas.

Sentou-se na cadeira, à cabeceira da mesa, e contraía os dedos para dominar a azia ou a dor, que já se manifestava mais forte. A sonolência persistia como um torpor. Ela aproximou-se e pousou a mão no seu ombro, e ali ficou uma eternidade. Por isto as dores desapareceram e pôde caminhar ao longo do relvado, para encontrá-la novamente, braços abertos para recebê-lo. Alcançou-o entretanto à altura do estômago, e quando abriu os olhos para defender-se viu que era noite. A viração fria entrava pela porta aberta. Trancou-a e acendeu o lampião. O punho fechado dentro do estômago apenas latejava.

Sentou-se no mesmo lugar e ficou a olhar a chama vermelha. Dois dedos caminharam para a boca e tamborilaram nos dentes, cadenciando-lhe a abstração.

— Podemos entrar?!

Recompôs-se firme na cadeira:

— Entrem!

Os passos repercutiram em todo o casarão e o homem magro, chapéu ao peito, perfilou-se junto à mesa:

— Boa-noite.

— Boa-noite.

— Trouxe-o comigo.

O homem de óculos, grande livro debaixo do braço, aguardava na penumbra.

— Sentem-se.

Tentou levantar-se para apontar cadeiras, mas apenas balançou a cabeça, porque o punho, abrindo-se em muitos dedos, infiltrou-se como línguas de fogo em muitas direções.

A luz do lampião projetava na parede três sombras unidas e paradas.

— Faça-me um favor.

O visitante, a amassar nervoso o chapéu nos dedos, cruzou e descruzou as pernas:

— Pois não.

Apontou para o canto da sala:

— Ali, na primeira gaveta daquele móvel, está uma pasta de couro. Traga-me aqui.

O visitante, em dois movimentos, atendeu o pedido, e pôs no centro da mesa, com muito cuidado, a pasta de fechos dourados.

A mão caiu sobre ela, quase com violência:

-- Aqui estão todos os documentos da fazenda. Tutto em ordem. Examinem.

Dedos ágeis abriram a pasta e dois rostos se aproximaram do lampião. Ele os observava. Papéis iam e vinham e o farfalhar era o mesmo das saias que se aproximaram dele um dia: “Não quer ir para lá, meu filho, não vá”.

— Parece tudo em ordem.

O homem, óculos pendurados nos dedos, examinava um papel a poucos centímetros dos olhos.

— Então fechamos negócio?

O visitante cruzou e descruzou as pernas:

— Claro.

— Trouxe o dinheiro?

— Trouxe. Fiz o meu preço. Não sei se concordará.

— É o preço justo?

— Certamente.

— Concordo, então.

O visitante retirou do bolso interno do paletó o pacote de notas bem amarradas. Colocou-o na mesa com prudência exagerada. Em seguida, de outro bolso, sacou uma nota apenas, e a depositou sobre o pacote:

— E mais esta, para completar o preço justo.

— Obrigado.

Ficou a olhar o dinheiro ali à sua frente, numa abstração total, a dorzinha miúda latente e constante na boca do estômago. O visitante e o homem esperavam.

Como um autômato, mexeu-se rápido na cadeira:

— Onde tenho de assinar?

O homem pôs os óculos, abriu o livro e ficou nervosamente a virar páginas. O visitante pôs-se de pé e com os olhos buliçosos procurava auxiliá-lo.

O dedo do homem correu várias linhas e parou em determinado ponto:

— Aqui.

O visitante tirou do bolso o tinteiro, abriu-o, e entre os dedos do homem surgiu uma pena!

— Por favor...

Ergueu-se da cadeira no momento exato em que a dor, afunilando-se em direção ao intestino, subiu pela espinha, explodiu na testa e apunhalou o fundo dos olhos. O dedo, ali espetado sobre o livro, correu até o infinito e de lá voltou lentamente, pondo-se no mesmo lugar.

— Onde tenho mesmo de assinar?

— Aqui.

— Pois não.

Rabiscou ligeiro o nome e ao sentar-se de novo sentiu filetes gelados descera das axilas.

O homem falava muito e dava explicações:

— Os espaços vazios depois preencho com os dados da escritura.

— Sei.

O visitante amassava o chapéu nos dedos, cruzava com mais vagar as pernas:

— Quando a desocupa?

— Logo.

— Não tenho muita pressa.

— Logo.

O silêncio caiu e ele ficou a observar o pacote de notas e a cédula solitária sobre ele. Encarou a seguir o visitante, com o chapéu preso ao peito, e o homem, com o livro e a pasta abraçados ao colo.

— Boa noite, senhores.

Levantaram-se com lentidão e o visitante curvou-se numa despedida e apontou:

— Está aí o preço justo.

— Acredito.

— Espero alguns dias.

— Saio logo.

— Então adeus.

— Adeus.

Os passos reboaram no corredor escuro e ele lembrou-se e pediu:

— Fechem a porta! Façam-me o favor!

O esforço para levantar a voz fez com que o punho, fechado dentro do estômago, se abrisse como lagartos em brasa e jogasse o pacote de notas até o infinito, para trazê-lo depois lentamente e depô-lo ali no mesmo lugar. Apanhou a cédula solitária, deitada sobre o pacote, e para examiná-la melhor estendeu o braço e trouxe o lampião para perto de si. Agitou-a nos dedos e ela bailou suave como uma saia. Correu, alcançou-a e abraçou-a. Ela desprendeu-se e procurou fugir. Estava porém dentro de um círculo de fogo, que ele avivava, nascido que era de suas entranhas. Ela agigantou-se muito entre seus dedos e alcançou o facho luminoso que a transformou numa pira olímpica.

O papel, chamuscado, caiu-lhe da mão como um cometa de luz, e para que a pira não se estinguisse os dedos quebraram o cordão que prendia o pacote e libertaram o lampião da manga de vidro. As saias multiplicar-se-iam e a luz não fugiria mais até o infinito.





## A filha

Olhou através da frincha estreita da porta. Depois, o braço se estendeu e a mão, com vagar, fechou-a. Atravessou o corredor escuro, abriu alguns centímetros a janela e aspirou o ar fresco da noite que chegava. Acendeu o lampião na sala de visitas. Foi à sala de jantar, acendeu igualmente a luz. Dirigiu-se à cozinha e, com papel torcido em pavio, avivou as brasas.

Piar distante.

Para que o fogo não morresse, soprou as brasas, olhos injetados, e as cinzas subiram em nuvem densa. Apanhou a panela sobre a mesinha, encheu-a d'água, e sentado na cadeira de palhinha furada esperou que ela fervesse.

O chiado da água, em princípio de ebulição, pô-lo de pé e a procurar o pacote de ervas. Deixou que as folhinhas secas desprendessem o máximo de sumo na água fervente e coou o chá com habilidade.

Cauteloso, a pisar leve os tijolos irregulares, sustinha a xícara transbordante nas mãos, a espiralar um fio tênue de fumaça.

Com o pé, empurrou a porta do quarto:

— O chá, minha filha.

As dobradiças gemeram e mostrou o quarto em escuridão total.

— É santo remédio, filha.

As dobradiças gemeram a mostrou o quarto em escuridão total.

— É santo remédio, filha.

Demorou-se alguns instantes parado, à espera de uma resposta.

Não insistiu. Colocou a xícara no chão, dentro do quarto, e trancou-o.

— Tome. Você precisa.

Voltou à cozinha, despejou um pouco do chá no copo e bebeu-o em muito gosto, procurando não fazer careta, para se convencer de que oferecera à filha remédio fácil de ser ingerido.

Ficou a arrumar louças e a limpar o fogão, os cabelos grisalhos cercado a calva pronunciada.

A noite chegara com o vento e ele, correndo os olhos pela cozinha, candieiro na mão, verificou se tudo estava em ordem. Dispôs-se então a examinar todas as portas e janelas, certificar-se de que estavam bem fechadas.

Soltou uma praga de cólera porque a escora não estava bem arrimada à porta dos fundos. E lutou bastante para que a tranca da janela, na sala de visitas, se encaixasse perfeitamente.

Parou novamente à porta do quarto, o candieiro suspenso acima da cabeça, e demorou-se um largo tempo, à escuta.

Caminhou de volta à sala de visitas, atento e cuidadoso, que o vento penetrava com sibilos. O braço subia e descia para iluminar cada canto, olhos desconfiados para as dobradiças e para as linguetas.

Retornou à porta do quarto, pôs com vagar o candieiro no chão, e abriu a porta com a ponta dos dedos:

— Bebeu, filha?

Ali a seus pés a xícara, transbordante. Apanhou-a com cuidado:

— Nem um gole.

Fechou a porta e, com dificuldade, para não derramar o chá, apanhou o candieiro:

— Opiniática como a mãe.

Na cozinha, despejou o líquido na pia, com lentidão, quase em pingos.

— Como a mãe. A mesma.

Lavou a louça, enxugou-a, juntou-a às demais. Apanhou o candieiro e dirigiu-se à sala de jantar, parando

junto à mesa. Avivou a luz e a chama do lampião cresceu dentro da manga de vidro.

— Não quer curar-se. Como a mãe.

Acomodou-se na cadeira de balanço, suspirou e sentiu-se muito cansado.

— Nada tem de mim. Saiu à mãe.

Recostou-se e deixou a cabeça pender para o lado. O vento, lá fora, lufava sereno e a mansuetude levou-o à paz total. Ali, no alto do morro, junto às duas cruzes cercadas de sempre-vivas, só o farfalhar das árvores dava sinal de vida. A vastidão, quieta, alcançava todos os quadrantes. Pôde, por isto, lembrar-se do seu passado e demorar-se, sentado, um tempo sem fim.

Até que o trovão persistiu e ele abriu os olhos. Descobriu que as batidas eram na porta da sala. Surpreendeu-se com a réstia de luz, que descia do alto do telhado e caía-lhe entre os pés.

Afligiu-se e marchou, arrastando os pés, para a porta do quarto:

— Filha, tranque-se.

Olhou para todos os lados:

— Tranque-se, filha. Tranque-se. Dormi demais.

As batidas, violentas, reboavam em todo o casarão. Os quadros tremiam nas paredes, e o castiçal de bronze, na mesinha, caía-não-caía.

Com a pancada mais violenta, a porta cedeu e a claridade, de um jorro, invadiu a sala, e dois homens decididos penetraram nela.

— Tranque-se, filha.

A mão, de dedos firmes, prendeu-lhe o braço:

— Vamos.

Não deu um passo. Os dedos, bem seguros no seu braço, cederam um pouco:

— Não tenha medo.

Muitas pessoas estranhas invadiam-lhe a casa, sem cerimônia, cochichavam e olhavam curiosas para os móveis e os retratos.

E o homem de chapéu, comandando o grupo, escancarou todas as portas e janelas.

Depois, mandou que saíssem e suspirou:

— Agora este casarão pode receber um pouco de ar.



## A verdade

— O que eles falam? Eu sei e não é de hoje. Mas fico no meu canto, e dele só saio quando a decisão é preciso. Sempre fui de boa paz, que é do meu sangue e da minha raça. Às vezes nem me conheço e me pergunto: “Zacarias, o que é isto?” Chego a me beliscar, acredite. Eu sei, ora meu Deus, eu sei. Mas, apesar de ter me socado nestes matos desde muitos anos, minha posição sempre foi de pracião: entra num ouvido, sai no outro. Sabe quantos anos eu tenho? Pois é. Não parece, eu sei. Setenta e três! E completos. Cheguei aqui, homem, num dia como este: chuvoso e com o ventinho frio. Eu, Deus e o meu cavalo. Não digo que paguei os meus pecados, porque logo na primeira fraqueza, mantive o prumo: “Zacarias, não perca o respeito, homem”. Fome não passei. A caça, por estas bandas, como o senhor vê, ainda hoje é farta. Mas padeci o meu pedaço. Minha data de terra era aquela estreiteza. Veja: daquele riacho para aquele serrote. Pois é: só. Aqui na minha direita morava um tal de Melquíades. Pus os olhos nele e fui positivo: não presta. Falei melhor do que pela boca de um anjo. Na minha esquerda, logo ali depois do riacho, um outro, igualzinho, de andar meio de lado. Aristeu. E eu impressado. Na frente, daquela cajazeira para lá, a cerca de metro e meio da viúva Lopes. E atrás? Bem eu nem falo. Um tal de Lessa. O olhar cabreiro, de lado, por cima do ombro, era ver ele dizendo: “Zaca-

rias, conte os dias”. O senhor, que é homem de respeito, diga-me a solução. Não é preciso falar: compreendo pelo seu jeito. Pois assim fiz: achei graça, sempre prevenido. É o que acontece quando a gente está por demais prevenido? No que deu: um desastre. A passada dele para a frente foi para mim um ataque. Contra-ataquei e ele entregou a alma a Deus. Morreu mais por fraqueza, porque o pau que eu trazia na mão era quebradiço, quebradiço. E se uma pessoa, depois de um acidente como esse, não tem testemunha para provar sua inocência, o que faz? Como eu fiz. Fui ao Aristeu, travei conversa comprida, e fiz o convite: “Aristeu, agora que lhe conheço, lhe digo que o senhor Melquíades, meu vizinho do outro lado, quer lhe conhecer.”. Ele pôs a espingarda no ombro e saiu na frente. Eu na sua pisada, cauteloso, e não minto: preocupado. Ele andava de cabeça baixa: lembro bem. Maquinando: concluí. O que diria ele quando visse o Melquíades daquele jeito? Entreguei o caso a Deus. Ainda de longe, vimos urubus volteando no céu. “Veja, Aristeu.” Ele chegou, viu Melquíades de borco, coberto de formigas, tirou o chapéu e ficou como se rezasse, para despistar. Falei alto: “Minha Nossa Senhora! O que foi acontecer com o Melquíades!” Uma mentirinha, para a gente se defender, nunca foi pecado. Está aí o padre, que bem me conhece, para confirmar. Pois é. Veja o senhor agora a minha situação: o Melquíades morto, o Aristeu maquinando, de arma no ombro, e eu desamparado. Encontrei duas defesas: sair correndo ou enfrentar. Correr, Zacarias nunca correu. E enfrentar gente armada a vantagem está em aproveitar a oportunidade. Estivesse Aristeu desarmado e minha decisão seria outra. Tocava no seu ombro: “Pense alto, homem. Não fique maquinando. Não seja covarde”. Mas diante de bala, pensar duas vezes é entregar o corpo às varas. Dei cabo dele, confesso. Até que tive pena, porque ele estava de costas. A explicação já dei para o senhor e o senhor está vendo que era justa a minha causa. Dessa vez fui mais prático. Se a gente se mete em embrulho, mas está livre de culpa, deve ser rápido na defesa. A morte de Melquíades me ensinou

isto. Depressa enterrei os dois. Isto mesmo: enterrei. Por quê? Primeiro: os urubus iam cometer sacrilégio; segundo: eu acabava com a agonia de sair dando satisfação da minha inocência. E depois? Desculpe se lhe bato na perna, com intimidade. Se a gente faz um serviço, esse serviço tem que ser completo. A data de terra dos dois era de posse. Não tinham papel de cartório. Eu sabia disto desde quando vim para cá, porque a gente deve conhecer, e muito bem, o chão onde pisa. Escrevi em papel almaço, com minha letra bem redonda — tenho uma letra que o senhor precisa ver — dois recibos e até selos arranjei. De brinquedo, a compra. Roubo não era, porque as terras ficaram sem dono. Fui conversar com o tal de Lessa. E para que visse logo com quem estava falando, fui positivo: “Senhor Lessa, bom dia. Comprei as terras da minha direita. Comprei as terras da minha esquerda. Estão aqui os recibos. Compre as suas. Bote preço”. Encarei o homem firme nos olhos, batendo com o chicote na perna, e ele vendeu. Dinheiro eu não tinha, mas não me assombrei com o preço. “Está certo, senhor Lessa, está certo. Pago até comissão, se o senhor deixar as terras logo. Dou-lhe um mês.” Mal ele balançou a cabeça, dizendo que sim. numa só estirada à casa da viúva Lopes. O pé nem desceu do estribo: “Senhora Lopes, meus respeitos. Sou seu vizinho. O que tenho a lhe dizer não pode ser em bilhete ou por recado. Se não concordar, estenda o braço e aponte, que saio das suas terras tão rápido como cheguei. Sou solteiro e não tenho amante. Caso com a senhora”. Esperei, bem plantado, para mostrar minha elegância, mas confesso: acocho no peito como aquele nunca tinha sentido antes. Ela riu, eu ri, o padre nos benzeu uma semana depois, e, na outra, as cédulas estalando, paguei tudo, tudo, ao seu Lessa. Admirado? Pois foi: casei duas vezes. Esta que o senhor conhece é a segunda. A viúva Lopes, quero dizer: a minha primeira mulher, sofria de tudo. Magrinha, magrinha. E, desculpe o senhor, mas com as obrigações do casamento, e confesso que neste ponto sempre fui exagerado, ela, depois de uma noite de vigília comigo, virou para o lado e morreu. Fiquei viúvo e com um mundo de terras. En-

tão, homem, vi que era chegada a hora: arregacei as mangas e só levantei os olhos para respirar muitos anos depois. Trabalhei como boi de canga. Só tive um caso sério: com um sujeito safado, nas cabeceiras daquele riacho que o senhor vê correndo lá na baixada. Andou represando a água. Não demandei, que não sou de muita espera. Também não fui lá e nem dei ordem para ele vir aqui. Dizem que fui o mandante, dizem. Tenho inimigos. Mas que culpa tenho eu se estou cercado de amigos? Houve a tocaia, ele morreu, e um delegado que existia por essa época e não gostava de mim, não sei porquê, pois sempre tirei o chapéu para ele, prendeu um dos meus homens. Aí surgiu o perigo, meu senhor. Se o cabra, com medo, debaixo de surra, me caluniasse? Este serviço eu fiz e não me arrependo. Mandeí uma tropa decidida, noite alta, liquidar o cabra na cadeia. Foi crime? Não foi. Falei com advogado e ele disse o nome, até bonito, dessa defesa que a gente tem obrigação de fazer antes que aconteça o desastre. Como falou o senhor? Isto mesmo. Exatamente: o nome é esse. Veja então como sempre andei direito. Pois, fora este caso, naqueles anos todos só descansei um pouco e só descansei os homens quando vi tudo isto como o senhor está vendo: verde e bonito. Passei a me olhar no espelho: “Zacarias, e a outra metade?” De fato: um homem como eu não podia continuar derrubando caboclas nas moitas e dormindo sozinho. Pois um dia, homem, fui à cidade, e quem vejo numa janela passando o pente nos cabelos? Ela mesma: minha atual mulher. Era uma menina, bem mais nova do que eu, mas pus os olhos nela e senti aquele desassossego que não mais me saiu da cabeça. Mandeí recado, mandei bilhete e ela olhando para o lado como se eu não existisse. Mas, meu amigo — desculpe se lhe chamo assim —, a sopa caiu no mel: vim a saber que o pai dela andava por aqui de dívidas. Corri cartórios, paguei tudo, e ele veio de chapéu na mão me agradecer. Pedi, sem rodeios, a mão da filha. Com o bolo de promissórias na mão, lembro-me bem, fui claro: “Saiba o senhor que estou apaixonado. Caso com sua filha e rasgo tudo isto na sua frente”. Ele foi, voltou, cruzou e decruzou as pernas, entrou em conversa



mole, e acabou dizendo que a filha não me queria. Tranqüilamente, passei do pedido para a ameaça. Gritei para o cercado:” Você aí, arreie o meu cavalo! Vou à cidade. Preciso de um passeio pelos cartórios”. O velho quase morre, pediu, implorou, e eu firme, olhando longe, coçando o queixo. Maldade minha? Para que fui, homem, pagar aquela montanha de dívidas? Paixão, o senhor sabe, é arte do demônio: cega qualquer um. Foi um mês de disputa. Eu ameaçava de cá e eles se alarmavam de lá. Os parentes dela viviam na minha casa. Até a mãe apareceu para me dizer que a filha era moça prendada e falava francês. “E, minha senhora, sou por acaso um bicho?” Para encurtar conversa: o casamento saiu. Muito mais fácil, confesso, foi formar toda esta fazenda. Nem durante o noivado, que foi curto, nem durante o casamento, nem durante a festa, e nem na camarinha, ela levantou os olhos para mim. Desculpe se lhe conto isto, mas o senhor é homem que compreende essas coisas e sabe que mocinha praciana tem muitos babados. Vou arrastar a cadeira para perto do senhor e falar mais baixo. Precisei, homem, de uma semana para fazer dela minha mulher. Pedi, implorei, acariciei, fiz tudo, mas só consegui na tapa. E ela só amansou de todo muitos meses depois. Então eu quis provar a todos que Zacarias não era um bicho como falavam. E um dia eu disse para ela: “Você morava numa boa casa, na cidade. Pois vou construir aqui a melhor casa de toda essa região para você”. E fiz este casarão. Chamei engenheiro aqui, com passagem de ida e volta e comida da boa e da melhor. Quando abri os braços e lhe mostrei o tamanho do casarão que eu queria, já não gostei da cara dele. Achou que era um desperdício: grande demais. “Doutor, o dinheiro é meu e a casa é minha. Se acha desconforme, chamo outro”. Dois anos, homem, dois anos de luta para levantar isto que o senhor está vendo. Tive o meu tanto de sorte. Além da turma do doutor, gente de saber, que não era pequena, ele precisou de mais uns cinqüenta homens. Pois arranjei cem, porque com a seca a minha porta vivia cercada dia e noite de gente pedindo trabalho. Escolhi cem e falei alto: “Dou só almoço. E não quero

ver mulher nem menino por perto”. Um padre velho, que felizmente já desencarnou e que não esquecia o meu nome, falou no sermão que eu estava matando os homens de trabalho e de fome. Ora veja o senhor: fui ou não de muita bondade? Dia sim, dia não, eu abatia duas reses. E não obriguei a ninguém trabalhar para mim. Falei de cima de uma cadeira: “Quem não estiver de acordo, pode ir. Aperto até a mão, dando adeus”. Alguém se foi? Não se foi. Eh, meu amigo, o senhor está passeando os olhos por estas paredes mas não sabe o quanto custou levantar isto. Logo nos alicerces tive problema sério. Toda a pedra veio de uma pedreira a dez léguas daqui. A quantidade de pedra que eu precisava era muito grande. Fiz a encomenda. O dono da pedreira, que eu conhecia de vista, homenzinho baixo que nunca me encarou de frente, respondeu que toda a produção estava vendida até o fim do ano. Montei e fui lá pessoalmente. Sou jeitoso para acomodar as coisas. Falei como se fôssemos amigos há muitos anos, ofereci charuto, brinquei com um menino que parecia filho dele. O cachorro não mostrou um dente. “Pedra? Daqui a muitos meses”. Voltei de cabeça baixa e decidido. Chamei dois homens no meu quarto e dei todas as instruções. No dia seguinte, o cachorro amanheceu moído de peia e andou se tratando um bom tempo em casa de saúde. Tive ou não tive razão? Aquilo era maneira de receber Zacarias? Pois lhe digo, homem: ele apanhou de virola de pneu. Um susto, para aprender. Eu disse para os homens: “Basta um ensino. Não matem”. E deu resultado? Um belo dia, estou tomando a fresca, chegou o recado: “Pois a pedreira está à disposição do senhor”. Respondi com delicadeza: “Diga ao seu patrão que muito agradeço a bondade dele”. Minha mulher só de longe via as paredes subindo. Uma vez apreciou em tom de deboche: “Parece um convento”. Respondi com ar de riso: “Espere ver depois do pronto” Uma noite, o doutor engenheiro me mostrou umas figuras de coisas bonitas vindas do estrangeiro. “É importado. É muito caro”. Cortei a conversa: “Doutor, lhe pedi do melhor. Se é estrangeiro, pois que venha de lá. Se o senhor veio discutir preço, então não é conversa:

é insulto”. O que eles falavam? Eu sabia e muito bem. Meus homens metiam-se em conversas, e até pagavam bebida, com o meu consentimento, só para descobrirem o que eles diziam de Zacarias. Pois veja, homem, até um padre novo achou de bater a língua nos dentes contra a minha pessoa. O que o padre velho dizia, o que o povo dizia, entrava aqui e saía aqui. Mas um padrezinho ainda menino, de batina nova, sem conhecer a terra, soltar a língua contra Zacarias? Mandeí recado para ele vir aqui. Ele chegou, pedi a bênção, ofereci refresco, que o calor estava muito forte, e tivemos uma conversa alegre. Cheguei a contar anedota e bater na perna dele. Enchi-lhe a barriga de lombo de porco. Ele arrotou, palitou os dentes e cochilou um bom tempo. Na hora da despedida, ele já em cima do cavalo, lembrei: “Padre, não dê ouvido a esse povo. O senhor me conheceu agora e viu que sou de muito agrado. Tenho os meus defeitos mas sou temente a Deus. Trato como a uma moça aos que chegam de fora. Mas a muitos deles, que quiseram prejudicar Zacarias, ensinei o caminho de volta”. Resultado: ficou meu amigo e num sermão de domingo cansou o braço apontando para todos e dizendo que Zacarias era o maior homem da terra. Mandeí, num cavalo em disparada, recado para ele: quando o casarão ficasse pronto, ele rezaria a missa de inauguração. Mas isto não chegou a acontecer, não por culpa minha. O senhor bispo, por essa época, andou por aqui e eu fui, com todo o respeito, pedir a ele que, por ser de maior patente, rezasse a missa de inauguração da minha casa. Senti até o coração disparar quando ele aceitou. Mandeí aviso para o padrezinho pensando que ele também ia ficar alegre, mas ele ficou zangado. Recebeu mal o meu homem e até rasgou o bilhete. Pois é: rasgou um bilhete de Zacarias. Pensei e pensei, e até perdi o sono: foi quebra de palavra minha? Já com os galos amiudando, concluí: não foi. Entre um bispo e um padre, quem o senhor escolhia? Pois. Padre diante de bispo é igual a soldado raso. E o senhor nem queira saber. O padre, por causa disto, aliás um desrespeito para com o senhor bispo, quis se bandear para o lado de lá. Esperei com muita calma. Mas quando me chegou recado

de que ele andava me atacando, ameacei de cá. Pois ele teve, homem, o atrevimento de ir para a igreja e dizer as maiores mentiras sobre Zacarias. O que eu fiz podia até ser sacrilégio, mas eu perdi a cabeça e me decidi. Depois, anos depois, perguntei ao padre, no confessionário, se a minha ação tinha ofendido Nosso Senhor. E ele disse que não. O que eu fiz? Mandeí arrançar as calças dele e soltá-lo no caminho da serra, só de batina, sem nada por baixo. E como arremate, pintar de preto, com piche, a coroa dele. Na mesma semana o padrego foi parar noutra freguesia e veio para o seu lugar este que é um santo, está aqui há muitos anos, é meu amigo e meu confessor. Não foi fácil, homem, por de pé este casarão. Tive mais de um atrito com o doutor engenheiro. Este alpendre que o senhor está vendo, eu queria de um jeito e ele queria de outro. Chegou a dizer, veja o senhor o desrespeito, que se eu insistisse no meu ponto de vista, ele abandonava tudo. Como se eu não fosse o dono da casa. Falei firme, o sangue na goela: “Pois abandone. Tem engenheiro fazendo fila para tomar o seu lugar”. Foi água fria na fervura. Ele desconversou, até riu: “Vou fazer como o senhor manda, mas vai cair”. “Se cair, o prejuízo não é seu. Cumpra as minhas ordens”. O senhor olhe para cima e veja: o que eu queria era todo este vão sem traves. Não ficava uma beleza? Pois ia tudo muito bem, mas de fato aconteceu: foi colocar a primeira telha e tudo vir abaixo. Alguns homens se feriram. Eh, nem quero lembrar. Um ficou morre não morre e tive que mandar embora em cima de uma burra estradeira. Além de perder a burra, dei a ele ainda dez mil-réis! Dez mil-réis! Um dinheirão, homem. Então consenti, para não criar outro atrito, porque a minha mulher sempre me perguntava: “Ele está crescendo para cima ou para baixo?!, que o doutor fizesse como bem entendesse. E veja o senhor: ficou ou não ficou uma porcaria? Desde muito moço que eu sei como se planta uma casa no chão. E digo mais: eu devia, eu mesmo, ter comandado a construção deste casarão. Pois ainda hoje desconfio que a razão estava comigo. Ele, o doutor, andou meterdo massa fraca nas paredes para que o desastre acontecesse e a razão não

ficasse comigo. O senhor não conhece esses moços pra-cianos de anel no dedo. Cobram caro e falam difícil só para mestrar saber. Mas, homem, a minha aflição era ver isto pronto e dizer para a minha mulher: “É seu. Já pisou em coisa melhor?” Porque a minha mulher — agora já amansou de todo — não perdia ocasião para soltar indireta ao casarão, à fazenda e até a mim. Pois é: a mim. Mas eu sabia que quando ela pisasse nisto depois de pronto, até para andar ela ia ter dificuldade, porque em coisa brilhando ela nunca pisou. Eh, meu amigo, o caso mais sério, que quase me pára a obra, tive na fase de cobertura. Homem, aumentei os meus cabelos brancos. Pois eu estava bem tranqüilo, cochilando na minha cadeira de balanço, quando me vieram dizer bem baixinho, quase no meu ouvido que três homens estavam procurando convencer todos os outros a parar o trabalho para que, além do almoço, eu desse jantar também. Veja a arte deles: jantar. Nem eu, homem, nem eu, naquele tempo, jantava todos os dias. Desper-tei decidido. O que queriam era só uma coisa: prejudicar Zacarias. Lutei a vida inteira contra os que me queriam prejudicar. Perguntei: “Quais são?” Quando me apontaram: é aquele, aquele e aquele, vi logo que só podiam ser eles. Cara de gente que não presta, pareciam até irmãos. Na noite seguinte, dei ordem para convidar os três para um passeio. Eles foram e não voltaram. Olhe: dei ordem para um ensino apenas, uma surra em para exemplar moleque sem-vergonha. Acontece que o homem que ministrou o ensino tinha o braço forte e eu não me lembrei disto. Os três morreram, é verdade, morreram. Mandei que fossem enterrados bem longe daqui e determinei que fosse feita uma cruz para cada um, porque apesar de safados, não eram bichos, eram filhos de Deus. Chamei o meu homem: “Quantas chi-batadas você aplicou em cada um?” “Sessenta”. Res-pondi com autoridade: “Não precisava exagerar a minha ordem. Mandei aplicar só cinqüenta”. Como vê o senhor, até as pessoas de maior confiança nunca fa-zem direito o que a gente manda. Não gostei do aconte-cido, porque tenho o coração mole, mas acabei de vez com a indisciplina. Daí por diante foi uma beleza, cria-

tura. O serviço correu em paz. Despreocupado, fiz uma viagem e voltei depois de algumas semanas. Homem, quando vi este casarão, confesso, senti água nos olhos. Andei dentro dele com muito cuidado. Tudo estava tão perfeito que até o meu andar, sem eu querer, foi diferente. Sempre pisei firme, mas nos primeiros tempos era eu pisar no primeiro degráu desta casa meu pé virava uma pluma. O doutor engenheiro, vendo minha satisfação, ficou também alegre:” Dentro de quinze dias lhe entrego ele pronto”. Subi no parapeito e estendi o braço: “No dia da inauguração, bebida e comida, durante vinte e quatro horas, é por minha conta.” Fiquei assustado, lhe digo, com o número de chapéus que voaram para o ar. E não dormi nem comi direito até o momento em que o doutor engenheiro chegou para mim e com muito respeito, chapéu na mão, confirmou o fim do trabalho: “Está pronto”. Eu não disse uma palavra. Desci este morro, entrei em casa, segurei minha mulher pela mão: “Venha ver o seu presente.” Não esperei por resposta. Ela chegou aqui, numa só caminhada, porque não deixei o seu braço escapar dos meus dedos. Fiquei escorado na porta e dei um empurrão nela para dentro da sala. Ela rodou, subiu a vista, desceu a vista, e eu palitando os dentes. Sumiu-se nos quartos, apareceu, desapareceu. Demorou tanto que comecei a me preocupar. Ela surgiu no fundo do corredor, veio vindo de manso, olhando para tudo, um espanto como nunca vi, chegou perto de mim, me abraçou e me beijou. Pela primeira vez me beijou, homem, pela primeira vez. Quase choro. Não tenho vergonha de dizer: senti vontade de pular e gritar. E a festa? Eh, meu amigo, que festão! Ainda hoje me lembro dela com saudade. Parece que estou vendo aquele dia. Ela, a minha mulher, mudou completamente. Comandou tudo. Nunca vi mulher tão disposta. Nem parecia a mesma. Convidou meio mundo. Veio gente até da capital. O senhor bispo, que era homem de palavra, compareceu e, no dia anterior, na véspera, benzeu uma fila de gente e batizou outro tanto. Celebrou a missa ali naquele pátio. E isto ficou coalhado de gente, até lá embaixo, na baixada. Teve até um moço que me disse que missa igual áquela só a do des-

cobramento do Brasil. Depois da missa, que terminou tarde, porque o senhor bispo rezou muito mais coisas, este casarão ficou sem dono. Minha preocupação era que não sujassem e quebrassem o que me custou um dinheirão. Pus uma tropa de gente para vigiar, com autorização até para jogar qualquer um para fora pela gola do paletó. Meu casarão estava com as portas escancaradas para todos, mas de todos eu exigia o respeito. Nunca vi tanta gente e vi, com lágrimas nos olhos, confesso, que Zacarias era estimado. Para ir daí de onde o senhor está até a sala de jantar era preciso dizer “com licença” umas vinte vezes. Bandejas cheias de copos, por cima das cabeças, eram tantas que encostavam umas nas outras. Banda de música chamei quatro, fora cantadores e tocadores de violão. Mas, na última hora, chegaram mais uns músicos para tocar de graça, e como não tinha mais lugar na casa, mandei que eles fossem tocar na cozinha. Olhe: tomo os meus tragos, vez ou outra, mas nunca perdi o prumo. Nem quando eu era solteiro e ia nos domingos para a cidade, atrás de rabo de saia. Mas nesse dia, minha Nossa Senhora! Quando me lembro sinto até vergonha e fico corado: veja. O que eu fiz, eh, o que eu fiz. Andei perguntando ao padre, no confessional, se o meu comportamento tinha desrespeitado os santos. Expliquei tudo direitinho para ele e ele confirmou justo como eu pensava: “Coisa de cachaça.” Vou lhe contar. Foi o seguinte — falo baixo porque o senhor, depois do padre, vai ser o primeiro a saber —: A filha do tabelião andou bebendo uns tragos. Veja o senhor que maldade: deram bebida para uma menina de treze anos. Até saia curta usava e as mamãs estavam ainda nascendo. Menina, menina. Ela encostou-se em mim, meio com sono, naquele emprensado de gente, e eu vi que estava tonta. Eu também andei exagerando. Eu olhava assim para cima e aqueles caibros se mexiam que nem cobra. E com o exagero e junto de uma menina nova, qualquer um perde a cabeça. Perde ou não perde? Então. Veja a tentação do demônio: fui empurrando a menina, no meio do povo, até a alcova, que era o único lugar da casa que estava isolado, eu com a chave no bolso, porque no quarto da minha mulher eu não

ia permitir desrespeito. Entrei nele com a menina, tão rápido que ninguém viu, e — foi Deus quem me ajudou — ainda tive consciência de cobrir o oratório com um lençol. O resultado, o senhor já adivinhou. Ela apanhou barriga, o pai fez um escândalo, e eu aguardei calado, no meu canto, com uma ponta de medo. Mas a menina, devido a cachaça, não se lembrava de nada, e eu, também por causa dela, não me senti com culpa. Mandaram a menina para o alto sertão e lá — dizem — morreu de parto. Pois quando a festa terminou e eu me vi só com a minha mulher, senti uma ponta de arrependimento crescendo aqui dentro por ter gasto tanto dinheiro. Falei logo comigo: “Zacarias, um homem não recua diante do decidido”. No começo, me desorientei dentro destes quartos, e perdia até a mulher de vista. Gritava por ela e quando ela respondia parecia até que a voz vinha do outro lado do mundo. Mas fui me acostumando, me acostumando, e querendo bem, mais e mais, a este casarão. Recebi muita gente, na minha sala e na minha mesa. Gente importante, de anel no dedo e retrato, todas as semanas, no jornal. Nas épocas de eleição — agora não, que deixei a política de lado —, a urna ficava ali na sala de fora, e eu de perto, vigiando, para ninguém desrespeitar a lei. Mais de uma vez tive de exemplar eleitor que quebrava a palavra votando no outro partido. Dei muita festa de arromba. Nos dedos das mãos e dos pés não conto nem a décima parte. Eu estava, homem, me viciando. Foi não foi, por qualquer aniversáriozinho, às vezes nem por aniversário de nada, lá ia Zacarias abrir a burra e rasgar dinheiro. Minha mulher, praciana, volta e meia enchia a mesa de amigas, e era aquela largueza, peru e galinha de canto a canto, e até vinho estrangeiro se derramava na toalha, e pingava no chão, como torneira aberta. Um dia, na compra de uma boiada, vi que os meus alicerces não estavam muito firmes. Decidi de uma vez: “Festa aqui só lá uma vez na vida, e olhe lá!” Ela se amuou. Trancou-se na camarinha e quando eu me deitava, virava-se para o outro lado e não queria encosto. Fiz como se ela não existisse, lutando contra a minha vontade de passar a mão nos seus cabelos. Com os dias, foi se encostando de



vagarinho e fizemos as pazes numa noite de vigília, Esqueceu as festas e encheu seu tempo com o pomar e as aves. De lá para cá, sem sair muito desta cadeira, dobrei o tamanho da fazenda, e na venda e na compra do gado formei o maior rebanho de toda a região. Cheguei a esta idade e não sei do que me queixar. Lutei muito, homem, trabalhei como um condenado, e juntei alguns vinténs. Só espero que, quando eu fechar os olhos, os meus herdeiros tratem este casarão como eu. Ele é conhecido até no estrangeiro. Em torno de cem léguas se aparecer alguém dizendo que desconhece o casarão de Zacarias, pode crer: é forasteiro vindo de uma distância quase sem fim. Vejo que o senhor está segurando o chapéu, mas é cedo, homem. Não fica para jantar? Também não insisto, porque — sou franco — de uns tempos para cá só me apetece palitar bem os dentes nos dias de domingo. A casa é sua: encontrará a porta sempre aberta, em dia de sol e em dia de chuva. Aliás, vou lhe dizer: não é todo o mundo que recebo no meu casarão. Conto nos dedos! Conto nos dedos! Conto nos dedos! Sempre fui aquela largueza, mas no meu casarão só pisa pé limpo. Para o senhor não tenho quarto fechado. E quando vier com mais tempo, armo ali uma rede e o seu sono vai ser mais inocente do que de criança. Já tive visita, dormindo ali na rede, que para acordar precisou de homem forte sacudindo o punho. Aqui, nesta cadeira que o senhor está vendo, percorri muitas vezes o meu passado. Olhando essa várzea, gozando esta fresca, meus olhos sempre se voltam para dentro. Estudo muito a minha vida, homem. O senhor faz isto? O padre recomenda: é um santo remédio para a gente não cair no erro, daqui para a frente. Não vou mais prender o senhor. O sol está descambando e sei que mora longe. Pois volte e conte sempre aqui com o seu criado Zacarias. Desculpe se lhe tomei muito o tempo, mas a gente — o senhor sabe — quando começa a recordar o passado esquece até da boa educação. Vou com o senhor até a porta. Mas antes deixe que lhe diga só uma coisa: a minha maior satisfação é ver que, quanto mais eu me vejo e estudo o meu passado, chego sempre à mesma conclusão: sou um homem em paz com Deus. É esta a verdade.



COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA  
SOCIEDADE IMPRESSORA PANNARTZ LTDA.  
Rua Almeida Torres, 119 P. IV. Aclimação.

São Paulo 1975